

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, JORNALISMO E SERVIÇO SOCIAL
CURSO DE JORNALISMO

KÍRIA RIBEIRO DOS SANTOS

A ARTE DE COMENTAR
Uma análise da figura do comentarista no radiojornalismo esportivo

Mariana

2014

KÍRIA RIBEIRO DOS SANTOS

A ARTE DE COMENTAR

Uma análise da figura do comentarista no radiojornalismo esportivo

Monografia apresentada ao curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Frederico de Mello B. Tavares

Mariana

2014

AGRADECIMENTOS

Dedico essa monografia, em primeiro lugar, a Deus, que me sustentou e me abriu as portas para que, hoje, o começo do meu sonho pudesse ser realizado.

Agradeço a Ele por me dar a melhor mãe do mundo, que sempre me apoiou e é o grande exemplo da minha vida. Dedico essa monografia também a ela, que é a personificação da força, da perseverança e é meu referencial.

Agradeço a toda a minha família, entre eles, meu irmão, meus avós queridos, meus tios My e Gui, que me ajudaram no caminho da graduação para que pudesse realizar o sonho de me tornar uma jornalista; e aos queridos amigos que fiz em Mariana.

Agradeço de coração ao meu namorado Allãn, por toda a força, carinho e amor.

Quero agradecer também às professoras Hila e Nair, por terem me dado força nos momentos de dúvidas. À professora Nair pelas dicas oportunas e pelo companheirismo. À professora Hila por sempre despertar em mim os melhores sentimentos durante toda a graduação.

Deixo ainda meus sinceros agradecimentos ao professor Frederico Tavares, pelo tempo dedicado na correção de cada texto, pelo zelo, e, é claro, pela orientação que foi dada ao longo desse período trabalhoso, mas que nem por isso deixou de ser prazeroso.

O futebol é assim: desperta na pessoa um sentimento virtuoso que transcende a amizade, que vai além do amor e culmina no santo desvario da paixão. Tem de tudo um pouco, porém, é mais que tudo. Torcer para uma camisa é plena entrega. É mais que ser mãe, porque não desdobra fibra por fibra o coração. Destroça-o de uma vez no desespero de uma derrota. Em compensação, remoça-o no delírio de uma vitória.

Armando Nogueira

RESUMO

Esta monografia visa apresentar e analisar o trabalho do comentarista no contexto do radiojornalismo esportivo. Para isso, estudou-se as rotinas jornalísticas (antes, durante e depois da transmissão dos jogos) desse profissional, entrevistando-se comentaristas esportivos de três rádios de Belo Horizonte: Itatiaia, Globo e 98 FM. Realiza-se um histórico do futebol e do jornalismo esportivo, e das características da rotina desse profissional, que precisa acompanhar e orientar-se pelas dinâmicas próprias do jornalismo. São também identificados os pontos característicos do comentarista, e ainda as principais críticas que existem ao seu trabalho. Discutem-se ainda os formatos que os profissionais encontraram ao longo dos anos para os comentários que realizam, resultantes da própria rotina do profissional, que o ajuda a construir e fomentar a sua análise no decorrer da partida, aliando duas características: opinião e informação, participando da dinamicidade presente na transmissão radiofônica esportiva.

Palavras-chave: Comentarista; futebol; jornalismo esportivo; rádio.

ABSTRACT

This monograph aims to present and analyze the work of the commentator in the context of sports radio journalism. For this, we studied the journalistic routines (before, during and after the broadcast of the games) this professional, interviewing major sports commentators radios of Belo Horizonte: Itatiaia, Globe and FM 98. Carried out a history of football and sports journalism, and characteristics of this routine professional, and you need to monitor and be guided by their own dynamics of journalism. Are also identified characteristic points of the commenter, and yet the main criticisms that exist to their work. Are also discussed formats that professionals have found over the years to realize that the comments resulting from own professional routine that helps build and foster their analysis during the game, combining two features: information and opinion, participating in the sporting dynamism of this radio broadcast.

Keywords: Commentator; football; sports journalism; radio.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. O RÁDIO E A LINGUAGEM RADIOFÔNICA DO FUTEBOL.....	14
2.1 A história do rádio no Brasil.....	14
2.2 O radiojornalismo esportivo.....	17
2.3 O comentarista esportivo no meio radiofônico.....	20
3. A OPINIÃO NO JORNALISMO.....	23
3.1 O jornalismo opinativo.....	23
3.2 A opinião no rádio esportivo.....	26
3.3 Informação x paixão.....	27
4. A CONSTRUÇÃO DO COMENTÁRIO ESPORTIVO.....	29
4.1 A rotina jornalística.....	29
4.2 O fazer profissional de um comentarista futebol.....	31
4.3 A linguagem do comentário em rádio.....	32
5. O COMENTARISTA DE FUTEBOL EM BELO HORIZONTE.....	34
5.1 O futebol nas rádios Itatiaia, Globo e 98FM.....	34
a) Rádio Itatiaia.....	35
b) Rádio Globo.....	37
c) Rádio 98 FM.....	38
5.1.2 Perfil dos comentaristas.....	40
a) Cadu Doné.....	40
b) Marcos Guiotti.....	41
c) Lélío Gustavo.....	42
5.2 Características do comentarista esportivo.....	43
5.2.1 A figura do comentarista esportivo.....	43
5.2.2 Definição da função do comentarista.....	45
5.2.3 Preparação e rotina do comentarista esportivo.....	47
5.2.4 O comentarista, o torcedor e os conteúdos.....	49
5.2.5 Opinião e veículo.....	50

5.2.6 Nova era do comentário esportivo.....	52
6. CONCLUSÃO.....	55
7. BIBLIOGRAFIA.....	58
8. APÊNDICE.....	60

1. INTRODUÇÃO

O rádio chegou ao Brasil e, aos poucos, foi ganhando espaço no coração da população. No início, as emissoras contavam com uma programação mais elitizada, no entanto, com o passar dos anos, essa realidade mudou. Com a chegada de novos meios de comunicação, primeiramente a televisão e depois a internet, o rádio se viu obrigado a buscar novos recursos para não perder o seu público.

O jornalismo esportivo no rádio passou a fazer uso de jargões durante as transmissões das partidas tornando as transmissões ainda mais dinâmicas. Mesmo diante dos novos veículos de comunicação de massa, o rádio continua conquistando a audiência de milhões de torcedores em todo o Brasil, tornando-se, assim, um ajudante e mantedor dessa paixão chamada futebol.

O rádio se apresenta como o meio de comunicação mais acessível aos torcedores para acompanhar as partidas de futebol. Ainda é possível verificar a quantidade de ouvintes que levam seus rádios portáteis para os campos. Ainda tem aqueles que, mesmo com suas televisões ligadas, ficam também com o rádio ao lado para ouvir as narrações.

Com a ausência de imagem, os narradores precisam mexer com o imaginário de seus ouvintes e, por isso, buscam passar as informações da forma mais detalhada possível. E, junto com os narradores nas transmissões, estão os comentaristas esportivos. Um profissional tão importante quanto, e que atrai a atenção dos ouvintes, pois busca sempre catalisar a emoção que emana das arquibancadas dos estádios.

Sendo torcedora desde criança, o interesse pelo futebol nasceu, principalmente, por meio do meu avô, que acompanhava as partidas transmitidas pelo rádio. Mesmo sem nunca ter jogado futebol, as vitórias do meu time do coração e os jogos transmitidos pela televisão e pelo rádio despertaram meu interesse pelo esporte e, também, minha simpatia. A simpatia transformou-se em algo maior quando entrei, pela primeira vez, em um estádio quase lotado, com a torcida cantando, manifestando sua paixão pelo time.

Desde então, meu interesse pelo futebol só aumentou e, com ele, o interesse pelo jornalismo esportivo. Passei a acompanhar com afinco a cobertura de jogos pelo rádio, e a observar sempre a presença dos comentaristas nas transmissões. Isso despertou minha atenção e resolvi analisar esses profissionais do jornalismo. O comentarista é aquela figura que realiza a leitura das partidas para o ouvinte que, muitas vezes, não consegue perceber determinadas situações que estão ocorrendo ou que possam vir a ocorrer.

Com base nisso, o intuito da pesquisa é analisar, por meio de elementos da rotina jornalística, a figura do comentarista no contexto do radiojornalismo esportivo. Além disso, irá se fazer uma análise do trabalho deste profissional, tanto o seu surgimento, quanto a forma de sua participação, além de se apresentar as principais críticas existentes atualmente.

Para construir esse quadro, foi necessário recontar a história do futebol, apresentando seu desenvolvimento, e como foi o processo que fez esse esporte cair no gosto popular, não só no Brasil, mas no mundo. Também é apresentada a gênese do jornalismo esportivo, e como as notícias sobre o tema deixaram de ser meras notas informativas para se tornarem um recurso bastante explorado pelas empresas jornalísticas. Com relação ao jornalismo esportivo brasileiro, apresentam-se as suas características principais, que estiveram presentes na construção, não só do modelo de comentarista esportivo existente no país, mas, também, no modelo de transmissão. Além disso, são apresentados os conceitos teóricos básicos que devem nortear a função do comentarista. Primeiramente, com as noções de opinião e comentário, para, em seguida, observarmos a aplicação destas no jornalismo, de maneira geral, não apenas na editoria de esportes. E ainda são traçadas algumas características da rotina desses profissionais, que precisam se manter informados constantemente. Também foi analisada de que forma as práticas do cotidiano são incorporadas no trabalho durante as transmissões esportivas, além de definições feitas por diversos comentaristas, sobre a função da profissão.

Para a execução do trabalho, foram feitas entrevistas com profissionais que estão, atualmente, em exercício em rádios de Belo Horizonte: Cadu Doné, da Rádio Itatiaia; Lélío Gustavo, da 98FM; e Marcos Guiotti, da Rádio Globo. Cada um relatou como entende o trabalho que executa, quais são as características necessárias para tal, os principais problemas que atrapalham na realização de um bom comentário e, ainda, como se preparam para comentar as partidas. Além disso, uma pergunta essencial foi feita: qual o grau de transformação da função diante do avanço das tecnologias midiáticas?

Em síntese, o intuito dessa pesquisa é fazer uma análise do trabalho dos comentaristas de três emissoras radiofônicas de Belo Horizonte. Esse profissional que realiza uma leitura técnica e tática das partidas para o público, além de mexer com uma das principais paixões dos brasileiros: o futebol. A necessidade de se fazer um estudo sobre o esporte está ligado à importância que tem o comentarista em apresentar o desenrolar de uma partida para o torcedor. Os conteúdos do trabalho, apontados anteriormente, encontram-se organizados a partir de três capítulos centrais.

No primeiro capítulo será apresentado um breve histórico do rádio e seu surgimento. Como o veículo se tornou um importante meio de construção da sociedade brasileira devido a sua agilidade ao transmitir a informação. É apresentado também como o rádio ganhou o seu espaço na capital Belo Horizonte e como foi se proliferando nas casas de diversos cidadãos brasileiros. A fim de ressaltar a relevância desse meio de comunicação, será abordada também a contribuição desse veículo para a população do país. E ainda nesse mesmo capítulo será contada a história do futebol, apresentando seu desenvolvimento e como foi o processo que fez esse esporte cair no gosto popular, não só no Brasil, mas em todo o mundo. Nele é mostrado também como o futebol entrou no jornalismo e ganhou a importância que tem atualmente.

No segundo capítulo são apresentados os conceitos teóricos básicos que devem nortear a função do comentarista, além da questão da informação e opinião, observando a aplicação destas no jornalismo, de maneira geral. Para isso, algumas perguntas precisaram ser respondidas: até que ponto o jornalista está somente repassando a informação e quando está expondo a sua verdadeira opinião? Como os jornalistas esportivos conseguem separar a emoção das partidas do sentimento e do amor pelo time de coração? Como começou a surgir a opinião no rádio esportivo, suas características de passar a emoção para os ouvintes e a linguagem empregada na hora das transmissões?

Já no terceiro capítulo são traçadas as principais características da rotina jornalística desses profissionais, para que pudessem ser compreendidas as características do cotidiano faz pensar a figura do comentarista esportivo. No capítulo, são incorporados autores que discutem sobre a correria do jornalista, e também é destacada a pressão com que os comentaristas lidam no dia a dia da profissão.

No último capítulo, discutem-se as definições feitas por diversos autores sobre a função do comentarista, e como os profissionais entrevistados enxergam a profissão atualmente. São também identificados os pontos característicos do comentarista e ainda as principais críticas que existem ao seu trabalho. Por fim, debatem-se as novas formas que os profissionais encontraram para os comentários que realizam, a fim de que contemplem ainda mais os anseios do ouvinte.

A pesquisa pretende não somente deixar um registro que possa servir de base para outros estudos sobre o tema, mas também retratar de que forma pode-se enxergar o papel desses profissionais no contexto do radiojornalismo esportivo e como a função do profissional se modificou ao longo dos anos em um dos meios de comunicação mais difundidos e ágeis do mundo: o rádio. O estudo pretende também traçar as características próprias do comentário

esportivo de futebol, que vão além do improviso natural, mostrando como, ao longo dos anos, o rádio tem sido eficiente em levar até o ouvinte os acontecimentos registrados durante uma partida de futebol.

A necessidade de se fazer um estudo sobre o futebol está ligada à importância que tem o comentarista em apresentar o desenrolar de uma partida para o ouvinte. A opinião no meio esportivo é fundamental principalmente para gerar um debate acerca da transmissão esportiva de uma partida de futebol, por exemplo. Por isso, me cativou tanto estudar esse campo da comunicação, que permite a descoberta de ideias de diversos profissionais que trabalham como comentaristas e que iluminam os meus futuros passos profissionais.

2. RÁDIO E A LINGUAGEM RADIOFÔNICA DO FUTEBOL

O primeiro nome na história da invenção do rádio foi o do físico escocês James Clerk Maxwell, que, em 1864, afirmava que uma onda luminosa poderia ser considerada uma perturbação eletromagnética se propagando no espaço vazio. Vinte e quatro anos depois, o alemão Heinrich Rudolf Hertz construiu um aparelho em que as ondas hertzianas viajavam na velocidade da luz. Campelo (2001) relata que, em 1895, Guglielmo Marconi concluiu que as ondas hertzianas transmitiam mensagens, e, assim, fez suas primeiras experiências.

De acordo com o presidente do Conselho de Administração da Rede Brasil Sul de Comunicações e da Associação Mundial de Jornais, Jayme Sirotsky, a história do rádio teve início a partir de uma faísca: Desde que a bobina rudimentar criada pelo físico Heinrich Hertz emitiu o primeiro sinal, em 1888, cientistas e leigos envolveram-se no último século numa batalha sem tréguas para transformar o singelo milagre da transmissão sem fio no mais democrático e abrangente dos meios de comunicação (CAMPELO, 2001, p. 26).

No Brasil, segundo César (1996), o padre gaúcho Roberto Landell de Moura foi quem fez as primeiras experiências de radiodifusão, em 1892. Oito anos mais tarde, ele obteve a patente do governo brasileiro. Para o autor, o rádio significou, até 1950, o ícone da modernidade, cumprindo um papel social, tanto na vida pública quanto na vida privada. Além disso, promoveu um processo de integração em vários países. O rádio criou modas, inovou estilos, inventou práticas cotidianas, estimulou novos tipos de sociabilidade.

2.1 A história do rádio Brasil

O rádio tornou-se um importante meio para a construção da sociedade brasileira devido à sua agilidade ao transmitir a informação e por apresentar características técnicas e de linguagens distintas do impresso. A difusão de notícias do rádio se destacou devido à instantaneidade e imediatismo que o meio oferecia. Assim como bem coloca César:

O rádio foi o primeiro dos meios de comunicação de massa que deu imediatismo à notícia, graças à possibilidade de divulgar os fatos no exato momento em que eles ocorrem. Permitiu que o homem se sentisse participante de um mundo bem mais amplo do que aquele que estava ao alcance de seus órgãos sensoriais: mediante uma ‘ampliação’ da capacidade de ouvir, tornou-se possível saber o que está acontecendo em qualquer lugar. Os fatos do mundo, e que ‘fazem esse mundo’, podem chegar aos seus ouvidos assim que ocorrem (CÉSAR, 1996, p.23).

Pode se dizer que a maneira com que o rádio começou a noticiar os acontecimentos era quase como uma narração. No entanto, a partir da década de 1930, visualizando o potencial do veículo em noticiar com mais agilidade, os profissionais dos jornais impressos

começaram a migrar para o meio e tornar o radiojornalismo mais profissional. Isso se deve ao fato de que o rádio era a principal fonte de informação da população, como aponta César (1996, p.130): “A não exigência da alfabetização para ter acesso ao conteúdo o colocava muito à frente dos meios impressos, embora ainda nesse período houvesse certa restrição ao acesso ao rádio, devido ao custo do aparelho”.

O autor também aponta como fator preponderante a necessidade da mensagem radiofônica ser transmitida de forma clara e objetiva. Isso porque o ouvinte não possui nenhum recurso visual para gravar ou rever tal informação no meio. O momento da transmissão é considerado único e precisa ser realizado com extrema perfeição.

Prado (1989) destaca as características do rádio ao afirmar ser o melhor e mais eficaz veículo informativo. Ressalta a instantaneidade, a simultaneidade e a rapidez na transmissão da informação; a linguagem simples empregada no meio, o que facilita a compreensão do ouvinte; a ausência da percepção visual que atua no receptor de modo a criar uma linguagem mental; e a temporalidade presentificada.

Outro fator vantajoso do rádio, quando comparado às demais mídias, é o fato de permitir, em sua estrutura, rapidez e agilidade. Através de entrevistas, debates, mesa redonda, entre outros, possibilita, em sua grade de programação, dispor de tempo hábil para realizar tais objetivos, aspectos que permitem ao ouvinte o esclarecimento da informação.

César (1996) destaca as dificuldades que o profissional de rádio enfrenta para conseguir atrair a atenção do ouvinte que, na maioria das vezes, está realizando outras atividades no mesmo instante da transmissão. Como é frisado pelo autor, o cidadão quase sempre se diz sem tempo para se dedicar a apenas uma função. A correria do cotidiano é uma característica a qual o homem está submetido.

Destacou-se como a primeira grande cobertura jornalística o trabalho feito durante a Revolução Constitucionalista de 1932, em São Paulo, na qual sobressaíram os trabalhos dos rádios Cruzeiro do Sul e Record. Após esta cobertura, ficou evidente a força que teria o rádio em noticiar. Diante disso, o então presidente Getúlio Vargas, almejando difundir os feitos do Governo para todo país, decidiu criar o *Programa Nacional*, atualmente como *Voz do Brasil*,

Para transmitir as realizações do governo, pronunciamentos de caráter político – nunca contra as autoridades, evidentemente (...). Com o Estado Novo, iniciado em 1937 a transmissão de a *Hora do Brasil* passou a ser obrigatória. A *Hora do Brasil* não foi apenas mantida como ampliada, transformando-se, a partir de 1946, em *Voz do Brasil* (CÉSAR, 1996, p. 51).

Não perderia evidência o precursor dos jornais contemporâneos do país, o *Repórter Esso*, que alcançou alta credibilidade e teve oito apresentadores, ganhando destaque Heron Domingues. O *Repórter Esso*, que ficou no ar de 1941 até 1968, inovou na maneira de se fazer jornalismo. “As reportagens de jornais rabiscadas com o lápis vermelho de Roquette Pinto deram espaço a laudas com textos de tamanho pré-determinado, e, em alguns casos, de conteúdo também” (JUNG, 2005, pp. 30-31).

Heron Domingues foi um dos principais inovadores do fazer jornalístico no rádio. Uma de suas contribuições mais significativas foi a criação do método de contagem do tempo de cada notícia por meio do número de caracteres, para não ultrapassar o tempo ideal.

A síntese não atrasava e sempre mantinha, em suas edições regulares, exatos cinco minutos de transmissão. Heron Domingues indicava aos responsáveis pelo programa: “Seja rigoroso na marcação do tempo para a leitura do *Repórter Esso*. O programa deverá atingir apenas cinco minutos” (JUNG, 2005, p. 133).

Ganhou evidência também naquela época outro radiojornal que deu novos rumos ao radiojornalismo, como apresenta César:

O “O Grande Jornal Falado Tupi” como passou a ser conhecido na segunda fase, introduziu um modelo de radiojornalismo diferente de síntese de noticiosa, consagrada pelo *Repórter Esso* (...) A estratégia oferecia ao ouvinte mais agilidade na informação (CÉSAR, 1996, p.37).

Ambos os noticiários são os grandes responsáveis pelo modelo de radiojornalismo utilizado até hoje. Ferraretto *apud* Jung (2005, p.34) relata que foi o *O Grande Jornal Falado Tupi* que iniciou a apresentação do radiojornal semelhante à estrutura da imprensa escrita. A sonoplastia e as manchetes assemelhavam-se a uma capa de jornal, além de apresentarem as notícias em blocos temáticos, assim como as editorias.

A chegada da televisão no país foi a responsável por um impulso no radiojornalismo, já que as emissoras teriam de se adaptar para não perderem seus ouvintes. Assim, o rádio assume um caráter mais informativo “Das produções caras, com multidões de contratados, o rádio parte agora para uma comunicação ágil, noticiosa e de serviços” (CÉSAR, 1996, p.65).

A conquista de novos adeptos está ligada também à necessidade de se transmitir a informação de forma correta, bem apurada e verdadeira. Para Jung (2005), não basta apenas conquistar a credibilidade, mas mantê-la e, desta forma, cativar o ouvinte e continuar a buscar novos.

Quanto à construção de uma boa reportagem no rádio, César (1996) afirma que essa necessita se manter conectada à emoção e empatia do repórter. Este, por sua vez, deve buscar nas ruas a apuração dos acontecimentos e somar à opinião do público presente; não o

forçando a expressar algo ou combinar alguma fala, mas sabendo realizar perguntas que o permitam proferir o que é importante para a construção da matéria. É saber aguçar a sensorialidade do ouvinte por meio do que está sendo transmitido.

Com tudo isso, o desenvolvimento tecnológico dos aparelhos transmissores, de captação de áudio e o advento da internet proporcionaram ao rádio ainda mais atributos em termos de instantaneidade, qualidade e divulgação de notícias. A relevância do veículo para o jornalismo se torna evidente, já que ele sempre foi um dos principais vinculadores da informação nestes anos de existência.

2.2 O radiojornalismo esportivo

Em 1930, futebol e rádio começam a estreitar as relações. No início, eram informações curtas, com os resultados das partidas. Mas, no ano seguinte, a Rádio Educadora Paulista transmitiu a primeira partida de futebol na íntegra. Foi um jogo do 8º Campeonato Paulista de Seleções entre São Paulo e Paraná. Coube a Nicolau Tuma, mais tarde conhecido como “Speaker Metralhadora”, irradiar o confronto (GUERRA, 2002, p.14).

Entretanto, o mesmo autor aponta que, antes de Tuma, no Rio de Janeiro, Amador Santos, da Rádio Clube do Brasil, já fazia transmissões, mas com estilo mais cadenciado, diferente de Tuma (GUERRA, 2002, p.16-17). De toda forma, nessa época as transmissões tinham características bem semelhantes.

A linguagem usada era a da pura emoção. Os locutores chegavam a gritar para demonstrar a explosão do gol. Muitas vezes não se preocupavam com quem estava em volta e se o estádio estava lotado: eles falavam mais alto para não ter seu som abafado pelos urros da torcida enlouquecida (BARBEIRO; RANGEL, 2006, p.54).

A prática jornalística era a que menos se destacava e, por isso, era a que menos atraía os jornalistas, e os que tomavam esse rumo não possuíam muitas habilidades. Segundo Araújo (2007), os primeiros gols dos grandes e mais antigos times do país, como o Flamengo, não foram contados em jornais, no entanto, outros esportes como vôlei e o basquete haviam sido registrados desde os primórdios.

Isso aconteceu porque não existiam jornais destinados ao esporte, e, de todas as editorias, a do jornalismo esportivo era a que sempre sofria mais cortes em suas linhas. Mas foi justamente no Rio de Janeiro que o jornalismo esportivo ganhou mais espaço.

A cobertura esportiva realizada pela imprensa se expandia, tendo em vista a paixão do público pelo esporte, cada vez mais discutido nas esquinas de bares, assuntos que começavam e não tinham hora para terminar. Segundo Coelho (2003), esse novo comportamento forçou os

departamentos esportivos do país a cobrirem algumas competições consideradas rentáveis. Não demorou muito para que começasse a ocorrer a profissionalização dos trabalhos e a melhoria no modo de apresentação da notícia, já que o público se tornava cada vez mais interessado no acompanhamento de fatos ligados ao futebol.

As transmissões esportivas radiofônicas apresentavam uma linguagem distinta no mercado. Sua dinamicidade contagiava e despertava, cada vez mais, o interesse do ouvinte em acompanhar uma narração futebolística. Isso porque o modo de contar o jogo pelo rádio é alegre e emocionante, mesmo que a partida esteja ruim. Tal tática era e ainda é utilizada para não perder o ouvinte durante a jornada esportiva. Mesmo que o narrador ou o comentarista possua afinidade com algum clube, e este esteja sendo derrotado, o que deve ser levado ao receptor é a emoção dos grandes clássicos do futebol, independentemente das circunstâncias.

O jornalismo esportivo, atualmente, ocupa um espaço significativo nos meios de comunicação. “O esporte, as ginásticas, a dança, as artes marciais e as práticas de aptidão física tornaram-se, cada vez mais, produtos de consumo (mesmo que apenas como imagens) e objetos de conhecimento e informações amplamente divulgados para o grande público” (COELHO, 2003, p.17).

Diferentemente de hoje em dia, a área esportiva já foi renegada no contexto geral da atividade jornalística. Até o início do século XX, o esporte não era uma editoria privilegiada e nem chegava ao ponto de ser manchete de um jornal. Segundo Coelho (2003), até o famoso e importante jornalista esportivo brasileiro da década de 60, João Saldanha, não acreditava que o esporte vingaria no Brasil. Ele e muitos outros, como o escritor Graciliano Ramos, não esperavam que o jornalismo esportivo fosse destaque dos fins de semana na programação televisiva ou de qualquer outra mídia.

Coelho (2003) ainda afirma que até a chegada do futebol, a editoria esportiva era desprezada nas redações. Entretanto, esse esporte foi responsável por alavancar o jornalismo esportivo no país.

Natural da Inglaterra, o futebol era praticado pela elite, sendo de fácil entendimento, com regras simples. Como havia a possibilidade de ser jogado sem muitos recursos, a classe baixa também aderiu à modalidade. Desde o final do século XIX, quando Charles Miller trouxe o futebol para o Brasil, se tornando destaque do país e virando a paixão nacional.

Foi nessa mesma época que surgiram os primeiros relatos de jornalismo esportivo brasileiro, em 1910, em São Paulo, no Fanfulla, que divulgava informações sobre o primeiro time brasileiro, o Palestra Itália (formados por italianos que moravam em São Paulo),

futuramente denominado como Palmeiras. E ainda que o futebol fosse jogado nas várzeas, até então, o esporte era elitizado.

Na década de 30, de acordo com Araújo (2007), nasceu no Rio de Janeiro o primeiro diário esportivo do país, o *Jornal dos Sports*, fundado por um dos maiores jornalistas de esporte do país, Mário Filho. Naquela época, os textos jornalísticos sobre o tema eram escritos com emoção, Filho sabia enaltecer um jogador como ninguém; não só os jogadores do time de coração, o Flamengo, mas também de qualquer outro time.

Percebe-se que nessa época iniciava-se, com muita dificuldade, o ingresso do esporte nas editorias dos jornais. Um dos primeiros problemas acompanhados por esse segmento foi a profissionalização do futebol brasileiro.

“O *Jornal dos Sports*” acompanhou a primeira grande crise do futebol brasileiro. A instauração do profissionalismo criou uma cisão tanto no futebol do Rio quanto no de São Paulo. Em 1935 e 1936 houve dois campeonatos simultâneos em São Paulo. No Rio de Janeiro a crise começara em 1933, ano que se firmou o profissionalismo (COELHO, 2003, p.15-16).

No século passado, as mídias impressas esportivas tiveram muita dificuldade para impor o jornalismo esportivo nas editorias, pois este não era um assunto priorizado no meio intelectual. Coelho (2003) comenta que a leitura de jornais ou revistas esportivas era rara e as pessoas que tinham cultura se negavam a ler sobre esporte, pois “só os de menor poder aquisitivo poderiam tornar-se leitores desse tipo de diário” (COELHO, 2003, p.9).

E foi somente a partir do final dos anos 60 que os grandes cadernos esportivos começaram a fazer parte dos jornais no Brasil, principalmente em São Paulo. E, neste momento, com cadernos esportivos mais presentes e de maior volume, o Brasil entrou na lista dos países com imprensa esportiva de larga extensão. Mas somente na metade do século XX que foi criada uma revista inteiramente dedicada ao futebol, a *Placar*. No entanto, apenas nos anos 70 as revistas esportivas começaram a ter regularidade.

Até a década de 70, o jornalismo esportivo era feito através da emoção dos jornalistas que, muitas vezes, não relatavam o que realmente acontecia nos jogos. Com a ajuda de dois grandes jornalistas (Mário Filho e Nelson Rodrigues) os textos eram escritos com amor ao esporte, eram feitas crônicas esportivas. “As crônicas de Nelson Rodrigues e Mário Filho tinham vida própria, nem bem podiam ser chamadas jornalismo” (COELHO, 2003, p. 17).

E foi nessa mesma década que o jornalismo esportivo começou a se adaptar mais à atividade jornalística informativa. O rádio se consolidou, tornando-se um fenômeno de comunicação de massa. “Os locutores, na tentativa de despertar o imaginário do receptor, transformava a narração em grandes espetáculos, que chegavam até a superar a própria

realidade em que passava o evento esportivo” (CAMARGO, 1998, p.51). Vale ressaltar que, nesse momento, ainda não existiam repórteres ou comentaristas. O narrador tinha que levar toda a transmissão sozinho (RIBEIRO, 2007, p.75).

Com todos esses fatores, tanto o rádio quanto o futebol se tornaram extremamente populares na década de 70. Ambos viraram verdadeiros companheiros. O torcedor não só acompanha o jogo pelo rádio quando está longe da praça esportiva, como leva o aparelho ao estádio, enquanto assiste à partida. “A narração de uma partida pelo rádio se utiliza do conhecimento desse encanto e busca nos recursos empregados levar a magia do espetáculo ao torcedor, fazendo com ele praticamente outro jogo” (GUERRA, 2002, p.11).

Nem mesmo o surgimento da televisão fez mudar a relação que o brasileiro adquiriu com o aparelho de rádio. “Talvez pela confiança no estilo, na forma de narrar, que, de certa forma, passou a ser parte integrante da festa. No Brasil, o futebol passou a ser um espetáculo, no qual o rádio também tem que ‘entrar em campo’” (GUERRA, 2002, p.25-26). O autor aponta que, em contraposição aos avanços gráficos que a TV inseriu na sua transmissão, o rádio apostou na cobertura jornalística. Sem abandonar sua linguagem e sua emoção, trouxe um amplo leque de informações antes, durante e depois da partida (GUERRA, 2002, p.39).

Dessa forma, o rádio segue como um veículo de comunicação de massa que está lado a lado com o ouvinte. E durante as transmissões esportivas isso se tornou ainda mais claro devido à agilidade e emoção com que são transmitidas as informações. Com todas essas características, o veículo e o futebol conseguem trazer particularidades que conquistam o ouvinte.

2.3 O comentarista esportivo no meio radiofônico

Como o rádio e o futebol se uniram com o passar dos anos, as transmissões esportivas se tornaram de suma importância na grade da programação das emissoras de rádio do país. E um dos profissionais presentes numa jornada esportiva é o comentarista, que foi ganhando destaque e importância no decorrer dos anos.

Segundo Guerra (2002), o locutor esportivo era um homem solitário, que tinha o dever de, via rádio, transmitir uma partida de futebol nos seus mínimos detalhes. Bem diferente do que acontece atualmente, onde a equipe incumbida de transmitir uma partida pode chegar a até sete integrantes, ou mais, em casos especiais. Mas quem pensa que a inserção de novos membros, no que hoje se chama de “equipe de esportes”, foi necessariamente planejada, se engana.

Na verdade, segundo Guerra (2002), foi por causa de um problema técnico que tudo começou, isso na década de 30. Num jogo do campeonato Sul-Americano, Gagliano Neto, locutor esportivo de rádio, que realizou a primeira transmissão de uma Copa do Mundo (1938), foi ao estúdio para tocar os discos programados, pois naquela época tocavam músicas nos intervalos das partidas. Só que, nesse dia, a música não entrou no momento devido por causa de problemas no tocador. O autor afirma que naquele tempo era muito complicado isso tudo. Porém, havia um jornalista do Sul que estava cobrindo para o jornal local, o nome dele era Ary Lund. Como o Ary estava em Buenos Aires, local onde estava acontecendo o jogo, Gagliano teve a ideia de usar o jornalista para comentar, pois não tinha ninguém com ele no estúdio. Foi nesse momento que colocou Ary no intervalo do jogo e pediu a opinião dele sobre a partida. A partir daquela hora, Gagliano teve a ideia de ir fazendo isso sempre, já que o retorno foi muito positivo.

Hoje em dia, a figura desse profissional é marcante e vista não somente na editoria de esportes, mas na política, na economia e em várias outras. Diversas rádios no Brasil se propõem a realizar debates acerca de um tema muito repercutido ou mesmo de assuntos em gerais. Enfim, a opinião é a base do trabalho desse profissional, que terá sua função analisada posteriormente.

Os conceitos teóricos que permeiam o trabalho desse profissional também são de suma significância. Primeiro, é forçoso observar o que significam alguns conceitos e termos. No Dicionário Aurélio (2008, p.361), o verbete “opinião” é definido de duas formas, primeiro como “modo de ver, pensar, deliberar”, ou seja, uma ideia. Já a segunda definição é de “parecer, juízo sobre alguém ou alguma coisa”.

No dicionário Michaelis encontram-se cinco definições, que vão um pouco além do que no Aurélio:

- 1) Maneira de opinar; modo de ver pessoal; parecer, voto emitido ou manifestado sobre certo assunto.
- 2) Asserção sem fundamento; presunção.
- 3) Conceito, reputação.
- 4) Juízo ou sentimento que se manifesta em assunto sujeito a deliberação.
- 5) Capricho, teimosia (DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA, 2009, p.58).

Podem-se observar duas características analisando essas definições. Opinião é se estabelecer um juízo sobre algo ou alguém, e esse juízo é pessoal. Já o segundo significado apresentado pelo Michaelis “asserção sem fundamento” pode ser explicado pela filosofia, que diz ser a opinião “um sentimento subjetivo que não está baseado num conhecimento científico das coisas. A opinião baseia-se simplesmente num sentimento vago que temos da realidade. Nesse sentido, a opinião contrapõe-se à ciência” (SPECULUM, 2009, p. 123).

Mas como a principal característica do comentarista é a opinião, como pode-se definir o conceito de comentar? Para responder a essa pergunta, novamente recorre-se aos dicionários, que apontam para amplas definições, mas que juntas ajudam a formar o quadro da função do comentarista esportivo, que será visto mais adiante. No dicionário Aurélio (2008, p.153), o verbete “comentar”, tem três sucintas definições: “1 Fazer comentário (s) sobre; 2 Conversar acerca de; 3 Criticar, analisar”. Nota-se que, apesar da obviedade do primeiro conceito, os outros dois já vêm ao encontro do que se entende e se pode observar da função do comentarista.

Na mesma obra e mesma página, definições mais completas são encontradas quando se confere o verbete “comentário”, que são bastante aplicáveis à realidade do jornalismo. Lá encontra-se o seguinte: “1 Série de observações com que se esclarece e/ou critica uma produção literária ou científica, anotação. 2 Apreciação dum fato ou situação”. A partir daí já se veem bem definidas as noções inseridas do que é o ofício do comentarista, por conseguinte, do comentarista de futebol. Ele opina, ou seja, enxerga a partir de seus valores pessoais, emitindo parecer sobre determinado assunto.

O profissional vai além de apenas ver e pensar um determinado objeto. A partir das suas observações, o comentarista analisa e critica, e, por vezes, ajuda determinado assunto ou tema a se tornar entendível. No jornalismo, como já foi citado anteriormente, é cobrado que o jornalista não só informe, mas também comente e analise, tornando as informações mais acessíveis ao público.

3. A OPINIÃO NO JORNALISMO

3.1 Jornalismo Opinativo

“A imprensa não vive apenas dos episódios ocorridos num determinado dia, mas também da discussão, do debate e da análise de acontecimentos ou situações intemporais – ou seja, que estão acontecendo, e não simplesmente que aconteceram” (ROSSI, 1980, p.17). Mesmo existindo discussões sobre como e por quem é apresentada essa opinião, incontestavelmente, percebe-se que existe esse espaço para a opinião complementar a informação.

Luiz Beltrão (1980, p.18), afirma que opinar para o jornalista, “não é apenas um direito, mas um dever, pois, de ofício, está incluído entre os que fazem profissão de opinar”. E dentro desse ofício, o jornalista deve buscar captar quais são os fatos, valores e objetos que são de importância na vida da sociedade, ou seja, respondendo as perguntas que ela apresenta.

Para o autor, existe cobrança sobre a atuação do profissional do jornalismo para que ele atue de forma a responder esses anseios, dos leitores, ouvintes ou telespectadores. “Reclama-se do profissional a transmissão tanto da informação como do comentário; que narre o fato, mas, opine sobre ele” (BELTRÃO, 1980, p.43).

Ao trabalhar com a apuração e apresentação da notícia, o jornalista necessita estar ciente do compromisso e da responsabilidade que possui de levar a informação correta e transparente ao público. Independentemente de qual veículo midiático (rádio, TV, impresso ou web), é preciso que o profissional esteja sempre bem informado sobre os fatos que os cercam para contribuir com o desenvolvimento de uma sociedade esclarecida e rica em conhecimento.

Para se entender melhor sobre o jornalismo opinativo é necessário citar os estudos sobre gêneros, que são importantes, pois o jornalismo opinativo é uma de suas vertentes.

Presentes no pensamento mundial desde a Grécia Antiga, os gêneros jornalísticos, foram estabelecidos através da presença de algumas características nas unidades textuais. Na contemporaneidade, os gêneros servem, de acordo com Beltrão (1980), como um instrumento que permite aos produtores e receptores codificar e decodificar seus textos.

O autor define os gêneros da seguinte forma:

Trata-se de textos orais ou escritos materializados em situações comunicativas recorrentes. Os gêneros textuais são os textos que encontramos em nossa vida diária com padrões sócio-comunicativos característicos definidos por sua composição, objetivos enunciativos e estilo concretamente realizados por forças históricas, sociais, institucionais e tecnológicas (BELTRÃO, 1980, p. 34).

Devido a sua função de guia, os estudos dos gêneros ganham importância dentro das pesquisas midiáticas, já que servem tanto para orientar os jornalistas quanto os leitores. As pesquisas neste campo estão em constante atualização já que “há uma evolução nos gêneros, e isso é permitido pelas transformações da sociedade, porque o gênero está vinculado às características de espaço/tempo” (BELTRÃO, 1980, p. 35). O estudo constante e realizado por diferentes sociedades trouxe uma grande quantidade de classificações distintas para os gêneros jornalísticos.

José Marques de Melo (1985) afirma que os gêneros jornalísticos são determinados pelo estilo da escrita e pela relação do jornalista com seu público. A especificidade de cada um varia de acordo com determinada região, país, etc. Para Melo (1985), com características opinativas e carregadas em juízos de valor, adequam-se o comentário, a coluna e a crônica, onde pode estar presente a informação poética.

No rádio, os gêneros jornalísticos são apresentados ao ouvinte com aspectos singulares, em virtude da conquista da audiência no mercado, segundo Beltrão (1980). Tais vertentes se objetivam na apresentação e cobertura dos fatos, além de exporem seus pontos de vista sobre determinadas circunstâncias. O comentário se apropria da opinião do profissional, objetivando-se em criar ritmo e ampliar o cenário sonoro do receptor, visto que propicia a presença, por meio do comentarista, como caracteriza Beltrão (1980).

A prática jornalística é uma profissão voltada ao trabalho de apuração dos acontecimentos no cotidiano e da divulgação para a sociedade. As funções desempenhadas por esse profissional estão ligadas, também, à coleta das informações e sua averiguação, para que se constate a veracidade dos fatos. Acrescenta-se, ainda, o momento para se redigir o ocorrido, além do trabalho de edição e publicação da notícia.

A opinião jornalística é tratada pelos pesquisadores da comunicação social como relevante, por auxiliar a sociedade na interpretação dos fatos que ocorrem no cotidiano. A opinião sobre determinado acontecimento também permite ao receptor comparar os distintos pontos de vista apresentados pelos diferentes veículos comunicativos. Tal gênero também atua na construção de uma sociedade bem informada e esclarecida sobre os fatos que a cercam.

Melo (1985) aborda o jornalismo como um conceito não exato. Muitas pesquisas já foram realizadas para definir com exatidão o significado do termo, mas o que se obteve são significados diferentes em diferentes línguas. Segundo o autor, o conceito de jornalismo é confundido com o conceito de jornal, por este ter sido pioneiro. Ele argumenta que o termo jornalismo está articulado à cobertura dos fatos, tornando pública a sua mensagem.

Conforme Melo (1985) relata, o jornalismo opinativo, mais precisamente o comentário, é essencial na sociedade, especialmente diante da necessidade de se levar ao público respostas rápidas e concisas sobre determinado assunto, produzido por um jornalista experiente e com grande conhecimento cultural. “É um analista que aprecia os fatos, estabelece conexões, sugere desdobramentos, mas procura manter, até onde é possível, um distanciamento das ocorrências” (MELO, 1985, p. 85).

Para Beltrão (1980), a opinião só pode ser criada após um indivíduo ter se inteirado sobre determinado assunto. Suas experiências no cotidiano o auxiliam na construção do raciocínio. “Opinião é função psicológica pela qual o ser humano, informado de ideias, atos ou situações conflitantes exprime a respeito do seu juízo. Na base do juiz individual está a informação do sujeito (opinante) e sobre objeto (ocorrência) (BELTRÃO, 1980, p.14)

O autor ainda ressalta que “uma das características da opinião, notadamente da opinião dominante na sociedade, é a sua instabilidade, ou seja, a opinião pode levar o receptor a criar um ponto de vista convergente ou não à já mencionada, levando-o a concluir que a opinião é ainda um fenômeno individual e social” (p. 35).

Ainda segundo Beltrão (1980), opinar para o jornalista, “não é apenas um direito, mas um dever, pois, de ofício, está incluído entre os que fazem profissão de opinar”. E dentro desse ofício, o jornalista deve buscar captar quais são os fatos, valores e objetos que são de importância na vida da sociedade, ou seja, respondendo as perguntas que ela apresenta.

Mas, se todo o jornalista tem o dever de opinar, “a imprensa, de acordo com o mito da objetividade, deveria colocar-se numa posição neutra e publicar tudo o que ocorresse, deixando ao leitor a tarefa de tirar suas próprias conclusões” (ROSSI, 1980, p.9). O próprio autor contrapõe essa colocação, dizendo que pode haver objetividade ou neutralidade em fatos concretos, como um acidente de trânsito (desde que não haja um amigo ou parente do jornalista envolvido). Fora isso, “ela é apenas um mito”. (ROSSI, 1980, p.10).

E, em se falando de futebol, a questão é ainda mais complicada, pois, como afirma Beltrão (1980, p.20), “muitas vezes, o jornalista se equivoca, de modo especial quando as paixões estão exacerbadas em torno de um tema, acontecimento ou movimento”. Então, como não é possível dissociar futebol de paixão, a objetividade perde força quando o segmento é o jornalismo esportivo. Mas, é claro, sem perder de vista que a informação deve ser transmitida com realidade (GUIMARÃES, 2005, p.10).

Desse modo, o comentarista esportivo faz uso do jornalismo opinativo, pois o profissional se apropria na maior parte do tempo de opinião e de valores pessoais,

sobressaindo, na maioria das vezes, os seus conceitos para com os ouvintes das transmissões esportivas.

3.2 A opinião no rádio esportivo

Sendo o futebol considerado uma paixão nacional em nosso país, o que se percebe é a grande variedade de pontos de vista. Por meio das transmissões, o rádio proporciona ao ouvinte a possibilidade de acompanhar o desenrolar de uma partida em tempo real, além de se inteirar a respeito do cotidiano dos clubes.

Para ajudar o ouvinte a compreender os lances da partida, os comentaristas esportivos auxiliam o público no que diz respeito ao desempenho de determinado time nesse ou naquele campeonato. Esses profissionais têm uma participação ativa e muito pertinente para uma transmissão esportiva no rádio, passam informações relevantes, como os bastidores das equipes, dão os pontos de vista (muitas das vezes discordam da opinião um do outro), além de analisarem o desempenho tático e técnico do time em campo.

O rádio, por apresentar características técnicas e específicas, permite levar com agilidade ao ouvinte a informação, quando comparado às outras mídias, já que possui uma linguagem simples, clara e objetiva. Os autores Jung (2005) e Prado (1989) destacam que a informação transmitida pelo veículo deve ser contada ao receptor e não lida. Dessa forma, o profissional estabelece um diálogo amistoso com quem o ouve.

No Brasil é comum deparar-se com o torcedor que vai a campo e leva seu rádio. Segundo Araújo (2007), a identificação do uso do rádio com os jogos se concretizou por meio de transmissões esportivas pelo país, ainda na primeira metade do século XX, quando o futebol deixou de ser apreciado pela elite e caiu nas graças do povo.

Tal momento, considerado pelos autores como bastante significativo, ocorre a partir da identificação do público com o esporte e também pela propagação do rádio na sociedade. As jornadas esportivas ganharam expressão levando até o ouvinte o que de fato ocorria pelos campos do Brasil e do mundo. A emoção transmitida pelos profissionais somada à instantaneidade e à dinamicidade de uma jornada esportiva, aguça a sensação do ouvinte na tentativa de mantê-lo sintonizado na programação.

O uso da emoção empregada pelos profissionais que atuam no segmento ainda contagia e desperta no público o interesse em tê-lo ao seu lado. Para Araújo (2007), mesmo que o rádio não possua imagem visual, desperta no ouvinte a possibilidade de mentalizar os momentos descritos pelo narrador. O autor mostra como é utilizada a sensorialidade no rádio.

O rádio envolve o ouvinte, fazendo-o participar por meio da criação de um ‘diálogo mental’ com o emissor. Ao mesmo tempo, desperta a imaginação através da emocionalidade das palavras e dos recursos de sonoplastia, permitindo que as mensagens tenham nuances individuais, de acordo com as expectativas de cada um (ARAÚJO, 2007, p.78).

O autor afirma também que, no rádio, tal característica é utilizada por meio do jogo de palavras. “E o rádio realmente usa as ‘mil palavras’ para criar cada imagem, que vão permitir que se criem muito mais do que mil imagens mentais” (ARAÚJO, 2007, p. 99).

Ele também acrescenta que a narração esportiva, uma das variantes da locução radiofônica, se concretizou a partir de verdadeiras contemplações sonoras.

Ao longo dos anos, o rádio esportivo tornou-se um fenômeno de comunicação de massa. Com linguagem diferenciada, os locutores, na tentativa de despertar o imaginário do receptor, transformam a narração em grandes espetáculos, que chegam a superar a realidade (ARAÚJO, 2007, p. 106).

E por meio desse fenômeno de comunicação de massa, o comentarista tem se feito presente nas jornadas esportivas, abastecendo a transmissão com opiniões e informações de tudo que permeia a partida, se tornando um profissional imprescindível para o rádio esportivo.

3.3 Informação x paixão

O comentarista esportivo vive em um constante conflito entre informação e paixão. Mais do que qualquer outro setor da comunicação, o esporte alimenta fortemente as questões de parcialidade, isenção e apresenta o risco constante do profissional cometer deslizes perigosos no que se refere à ética e ao compromisso com a verdade.

Guerra (2007) afirma que o jornalista tem o dever de seguir os princípios de sua profissão. Entretanto, ao mexer com algo tão imprevisível e tão intimamente relacionado com a paixão como é o esporte, esse profissional, por vezes, acaba se vendo em um conflito.

Segundo o autor, o jornalista não pode deixar o lado torcedor se sobrepor ao lado profissional, em nenhum momento. Caso isso aconteça, o torcedor percebe de imediato, uma vez que ele se reconhece no jornalista. Existem várias perguntas que permeiam o mundo do jornalismo esportivo, tais como: é possível ser imparcial no futebol? Se a imparcialidade existe, ela é desejável? E se ela não existe, isso afeta o fazer jornalístico? Segundo Guerra (2007), o fato é que a emoção tem seu lado bom e seu lado ruim dentro do jornalismo esportivo.

Na maioria das vezes, esse coração de torcedor, encravado no repórter, fala mais alto que tais princípios solicitados pela boa prática jornalística. Ele muitas vezes, sente, cria e, fatalmente, opina. O fato de o jornalista esportivo ter um time de preferência,

e até revelá-lo, nunca foi um trauma para a editoria. João Saldanha sempre defendeu que isso acontecesse. Dizia ele que ninguém é filho de chocadeira, portanto, tem um time de futebol (GUERRA, 2007, p. 3).

Guerra (2007) ainda afirma que imparcialidade no futebol é algo praticamente impossível de se alcançar, porque o esporte é feito de emoção, e esse sentimento é passado para o jornalista, que, por sua vez, repassa ao seu leitor, ouvinte ou telespectador. No entanto, é preciso saber atrelar a emoção, a parcialidade, a ética e o jornalismo, pois a função desse profissional, segundo seus pressupostos deontológicos, deve ser a de passar a informação tal qual ela é.

A maioria das transmissões esportivas mistura a emoção e a realidade quase de maneiras equivalentes. As coberturas de jornalismo no esporte conseguem ser tão brilhantes quanto às de qualquer outra editoria, mas o que faz o jornalismo esportivo diferente dos demais é a questão de que é preciso ter mais do que realidade, é preciso emoção.

Para Barbeiro e Rangel (2006), a emoção é intrínseca ao esporte, e em nenhuma outra editoria do jornalismo ela é tão presente quanto no jornalismo esportivo. Segundo eles, um narrador de futebol deve mexer com as emoções do torcedor, no entanto, não deve fazer de uma simples jogada um espetáculo narrado com grande exagero.

Os jornalistas têm o direito de expressar sentimentos e opiniões, mas nunca devem deixar de lado a verdade. O jornalista tem uma responsabilidade social, de passar a informação sem distorcer os fatos. Suas paixões e preferências não podem dominar o fazer jornalístico. Cabe aos jornalistas a ciência das razões propulsoras da profissão – verdade, isenção e ética – para que a emoção seja apenas um bônus, que torna o jornalismo esportivo tão mágico e peculiar.

4. A CONSTRUÇÃO DO COMENTÁRIO ESPORTIVO

4.1 A rotina jornalística

Para analisar de forma mais coerente a figura desse profissional da opinião no contexto do radiojornalismo esportivo, fez-se necessário também observar a rotina jornalística desse atuante do jornalismo; analisar os fatores que podem contribuir para a preparação dos comentários nas jornadas esportivas e a forma que eles incorporam esse cotidiano do jornalismo na elaboração de argumentos, visto que a opinião é importante, mas o comentarista não sobrevive somente de opinião, e, sim, de informações atualizadas e precisas, assim como qualquer outro jornalista.

Como forma de se manterem sempre atualizados a tudo que acontece, os jornalistas buscam ler muito. Sites dos objetos que serão analisados, blogs, revistas dos clubes, jornais alheios, entrevistas realizadas, enfim, eles estão sempre buscando notícias para se inteirar de todas as formas. Com esse progresso tecnológico, ficou mais rápido e fácil a transmissão e a divulgação das notícias, pois antigamente elas eram trazidas por navios, por mensageiros a pé ou a cavalo, o que demorava semanas e até meses. Hoje, o que acontece em qualquer parte do mundo vira notícia em questão de minutos ou até mesmo em tempo real, principalmente através do rádio e da internet, o que facilita muito a vida desses profissionais.

Essa facilidade e a velocidade na divulgação das notícias acabaram trazendo outro ponto a ser ressaltado no fazer jornalístico. Como afirma Erbolato (1991), o homem recebe hoje um bombardeio de mensagens, que deve selecionar rapidamente, para obter e recolher algo de útil entre aquelas que lhe despertar algum interesse.

As opiniões e os gostos das pessoas variam. O que é importante para um pode não ser para o outro. Portanto, a informação sofre um tratamento de acordo com as convenções de cada pessoa ou de cada publicação. Ciro Marcondes Filho (1989) também expõe esse aspecto do juízo de valor existente na elaboração da notícia.

A informação é transformada em mercadoria com todos os seus apelos estéticos, emocionais e sensacionais; para isso a informação sofre um tratamento que a adapta às normas mercadológicas de generalização, padronização, simplificação e negação do subjetivismo. Além do mais, ela é um meio de manipulação ideológica de grupos de poder social e uma forma de poder político. Ela pertence, portanto, ao jogo de forças da sociedade e só é compreensível por meio de sua lógica (MARCONDES FILHO, 1989, p. 13).

Analisando o profissional na captação dos fatos, na apuração da notícia, nas entrevistas com os envolvidos, Medina (1988) explica que suas funções são de agente e

intermediário, pois ele realiza a matéria e ao mesmo tempo faz a intermediação com o público, se preocupando em satisfazer o receptor no que diz respeito à verdade e à objetividade.

E nessa linha, para Travancas (1993), o mundo dos jornalistas é, a um só tempo, amplo e restrito. Amplo, na medida em que não se resume ao local de trabalho, colegas de profissão e família. A cidade, o país e, em muitas situações, o próprio planeta fazem parte da vida de um jornalista, e de maneira marcante. Por outro lado, o jornalista pode ser entendido como restrito na medida em que a profissão, e tudo a ela ligado, que vai definir a função destes indivíduos na sociedade.

Nos meios de comunicação, é fácil encontrar expressões de algum grupo em particular que não são entendidas por todos. No jornalismo esportivo, por exemplo, é comum se deparar com expressões como banheira (jogador impedido), bicho (gratificação paga aos jogadores), virada de mesa (mudanças no regulamento da competição com a finalidade de beneficiar algum clube), cartola (dirigente de futebol ou de entidade esportiva) etc.

Barbeiro e Rangel (2006) afirmam que jornalismo é jornalismo, seja ele esportivo, político, econômico, social. Para eles, a essência não muda, porque sua natureza é única e está intimamente ligada às regras da ética e do interesse público. Os autores ressaltam que trabalhar com jornalismo esportivo tem suas especificidades. Essa área do jornalismo se confunde, frequentemente, com o puro entretenimento.

A emoção é a própria alma do esporte. Ela está nos olhos do jogador que faz o gol do título, na decepção da derrota, nas piscinas, quadras e pistas. Em nenhuma outra área do jornalismo a informação e o entretenimento estão tão próximos. Alguns narradores são considerados bons porque narram com o coração, mexendo com as emoções do torcedor. Mas há um limite para tanta adrenalina? Sim, há! Transformar um evento esportivo em grande espetáculo no qual o simples passe de um jogador para outro é narrado com grande entusiasmo é exagero (BARBEIRO E RANGEL, 2006, p. 45).

A emoção contagia. Para Barbeiro e Rangel (2006), não se faz um bom jornalismo sem emoção, mas o compromisso com a verdade também tem que estar presente. Para eles, a emoção deve estar na dose certa e sempre recheada de isenção. Isenção essa que permeia o trabalho desse profissional, que necessita passar credibilidade para o ouvinte durante as transmissões esportivas, que também é consolidada por meio da construção diária do jornalista como formador de opinião. E no caso do comentarista, essa formação contribui, decisivamente, no conteúdo dos comentários realizados, como veremos adiante.

4.2 O fazer profissional de um comentarista de futebol

Para compreender melhor as rotinas jornalísticas em busca de apuração das informações de um comentarista de rádio, também se torna necessário expor algumas características do dia a dia desse profissional. E o rádio, por possuir especificidades em suas formas e estilos, faz com que se considere pensar o fazer jornalístico nesse campo de atuação.

Segundo Travancas (1993), no rádio, as estratégias discursivas e de apuração se complementam e buscam, muitas vezes, sua origem em outros meios de comunicação, como a mídia impressa, televisiva e on-line. O modelo que a presente pesquisa chama de tradicional no fazer jornalístico radiofônico diz respeito à cobertura ao vivo, classificada por Ortriwano (1985) como “natureza substantiva”. “O jornalismo de natureza substantiva encontra sua manifestação máxima na emissão direta, cumprindo na íntegra uma das características básicas da mensagem radiofônicas: o imediatismo” (ORTRIWANO, 1985, p. 97).

Nesse cenário, o advento das tecnologias variadas auxiliou o radiojornalismo, em distintos momentos, a ampliar a sua presença no palco dos acontecimentos. As unidades móveis nas ruas, o uso dos telefones fixos como uma forma de ampliar os espaços alcançados na transmissão da informação e o uso do telefone celular e do telefone de transmissão via satélite para chegar aos locais antes inacessíveis tornaram a figura do jornalista imprescindível na cobertura de rádio.

De acordo com Travancas (1993), pensar em jornalismo de rádio é, também, pensar em rotinas produtivas e técnicas de apuração adotadas pelas emissoras. As alterações no fazer jornalístico radiofônico se apresentam, no contexto da era digital, de maneira mais explícita. A apuração de informações por meio do telefone, prática já utilizada pelo rádio há anos, é potencializada. O uso da internet para consultas sobre determinados assuntos ou datas também é explorado pelos jornalistas de forma geral.

E na rotina dos comentaristas esportivos há uma demanda maior por instantaneidade, pois o mundo do futebol é imediatista, muda o tempo todo. Chegar à redação do veículo, se preparar emocionalmente e tecnicamente para comentar uma partida (na maioria das vezes o preparo vem antes, como poderá ser verificado adiante), anotar a escalação dos times, checar os recados dos ouvintes pelas redes sociais ou pelo telefone e, enfim, iniciar a transmissão esportiva.

Após o trabalho no jogo, o comentarista tece os seus comentários finais, anuncia o próximo compromisso das equipes e muitos fazem as suas anotações sobre tudo que falaram

no decorrer do jogo, como forma de terem ainda mais subsídios para futuros jogos do campeonato. Características da rotina jornalística mencionadas anteriormente como preponderantes para a preparação do comentarista de rádio se tornaram essenciais para os jornalistas entrevistados para a realização dessa pesquisa, como será visto no próximo capítulo.

4.3 A linguagem do comentário em rádio

“A linguagem jornalística do esporte nunca teve uma escola definida. O surgimento de um estilo próprio sempre dependeu das tentativas de erros e acertos”. A frase dos jornalistas Heródoto Barbeiro e Patrícia Rangel (2006, p. 54) resume bem as características da linguagem adotada pelo comentarista no rádio. A colocação deixa claro que, em praticamente todas as esferas, a linguagem radiofônica é uma construção histórica, a partir da contribuição direta de todos aqueles que trabalharam no veículo.

O rádio, como já foi dito, é um veículo de linguagem oral. Inicialmente, pode-se imaginar que tal afirmação pode resumir suas características, mas o pensamento nesse sentido é simplista demais para um veículo cuja capacidade de penetração e de interação é tão grande. A questão mostra-se complexa no momento em que se analisa o veículo rádio a partir de algumas características particulares, como citou Ortriwano (1985), entre elas o fato de ter grande penetração, de ser promovido a partir do baixo custo de emissão e recepção; de permitir mobilidade, tanto para quem emite (um repórter que está na rua, por exemplo), quanto para quem recebe a informação; de ser imediatista para o narrador, o que permite acompanhar os fatos no momento em que eles acontecem; de haver instantaneidade para o receptor, o que permite acompanhar os fatos no instante em que a mensagem é transmitida; de haver a sensorialidade, que envolve o ouvinte e cria nele a imagem mental do que se está descrevendo; e, finalmente, de promover autonomia, que permite a audição em qualquer lugar, inclusive de maneira individualizada (com fones de ouvido): com o advento do transistor, os grandes aparelhos deram lugar aos pequenos equipamentos, inclusive os portáteis. Essas características contribuem para que o rádio seja capaz de se fazer entender por qualquer um que se interesse em ouvi-lo.

Com relação à linguagem, Cabello (1999) entende que o texto radiofônico, além da correção gramatical, precisa apresentar adequação a essas características. Para transmitir a mensagem radiofônica, o radialista faz uso, além do texto, de vários outros recursos. Na formação dessa linguagem específica, deve-se considerar o rádio como suporte midiático, mas

como ressalta Maingueneau (2001), não apenas como meio de transporte da mensagem, mas também como modificador dessa mesma mensagem.

Para ele, “o modo de transporte e recepção do enunciado condiciona a própria constituição do texto, modela o gênero de discurso” (2004, p.72). E, no caso da linguagem radiofônica, isso se dá pelas escolhas do que dizer, em que momento, e por qual razão (como será explanado na análise). Ortriwano (1985, p.81) ressalta que a mensagem radiofônica pode ser analisada a partir dos aspectos postulados por Angel Faus Belau: em função do meio, dos componentes da mensagem, do ouvido e do receptor.

Já o comentário esportivo de futebol, no rádio, tem características próprias, que vão além do improviso natural, como a utilização de metáforas, apócopos, a velocidade e a forma como as palavras são pronunciadas. Segundo Guerra (2002, p. 84), há marcadores linguísticos que contribuem para fluência e entendimento do interlocutor que acompanha as transmissões, seja no carro, em casa, ou no próprio estádio. Conhecedor da dinâmica de uma partida de futebol, o ouvinte/interlocutor tem condições de entender os enunciados realizados pelo comentarista no decorrer da partida.

Ainda segundo o autor, por isso, o comentário esportivo tem mostrado, ao longo dos anos, eficiência em sua proposta comunicativa de levar até o ouvinte os acontecimentos registrados durante uma partida de futebol. É o comentarista esportivo que tem a responsabilidade de fazer a análise do jogo, fornecer as informações a respeito das equipes e tecer o seu comentário sobre elas, informando para o ouvinte o esquema tático adotado por aquele treinador, por exemplo, e uma série de outras informações de apoio ao trabalho do narrador, durante a transmissão, como punição de jogadores por cartões ou reclamações excessivas, lesões, etc. Figura, assim, numa posição que tem a possibilidade de emitir opinião no desenrolar do jogo e retratando tudo que se passa para o ouvinte. O estabelecimento dessa interlocução, apesar da ausência da comunicação face a face, cria uma relação afetiva, pautada pela emoção, entre o profissional esportivo e o ouvinte.

5. O COMENTARISTA ESPORTIVO

Como visto anteriormente, o comentarista esportivo tem ganhado, ao longo dos anos, mais destaque nas jornadas esportivas, não se atendo somente a lances que acontecem na partida. A importância que esse profissional assumiu durante a transmissão ficou nítida com o passar do tempo, justamente por causa dessa análise pessoal e pela forma que faz com que o ouvinte entenda o que está se passando em campo. A partir das observações, o comentarista analisa, critica e, por vezes, ajuda determinado assunto ou tema a se tornar compreensível, como a escolha de um técnico para aquele esquema tático ou por utilizar algum jogador específico.

Com o avanço tecnológico, em especial da internet, é possível que o amante do futebol tenha facilmente o acesso à informação. Tal profissional convive com o desafio de não passar para o ouvinte uma imagem de uma pessoa leiga, tendo em vista que o ele está cada vez mais ativo na busca de informações. O comentarista precisa entender esse conceito e se atualizar sempre e levar cada vez mais conteúdo aos seus argumentos na transmissão esportiva.

Para entender como os comentaristas fazem para se prepararem, por meio da rotina jornalística, tornou-se necessário analisá-los de forma interpretativa, por meio, principalmente, da realização de entrevistas com comentaristas de três rádios de Belo Horizonte que fazem transmissões esportivas: Itatiaia, Globo e 98 FM.

5.1 Rádios e comentaristas

A construção da pesquisa com a escolha dos comentaristas a serem entrevistados, elaborou um quadro metodológico que engloba dois eixos: 1) por um lado, a centralidade dos comentaristas escolhidos – seja em suas respectivas rádios, seja no contexto do comentário esportivo em Belo Horizonte – e, conseqüentemente, a relevância de suas experiências no relatar sobre essa profissão, personificando-os como um conjunto de “vozes autorizadas” para a investigação acerca do problema central de pesquisa; 2) por outro, por entender a entrevista como objeto possível para a compreensão da linguagem radiofônica a partir de seus bastidores e, com isso, a figura do comentarista e de sua profissão, observando aspectos jornalísticos e contextuais que a cercam. Os comentaristas entrevistados das três rádios em Belo Horizonte que realizam transmissão esportiva são: Cadu Doné (Rádio Itatiaia), Lélío Gustavo (Rádio 98 FM) e Marcos Guiotti (Rádio Globo BH). Com características diferentes, os profissionais mineiros são referências quando o assunto é futebol, e são destaques nas emissoras em que

atuam. Para compreender mais acerca do perfil das rádios que esses comentaristas atuam, foi necessário traçar as principais características das emissoras.

a) Rádio Itatiaia

Januário Carneiro, fundador da Rádio Itatiaia, criou, com os seus irmãos mais novos, Emanuel e Ester, a Rádio Júpiter, estação que alcançava cinco quarteirões no bairro da Serra. A “emissora” funcionava no quintal da casa, entre bananeiras e simbolizava o início de uma longa caminhada.

Carvalho (1992) afirma que, aos 20 anos, Januário Carneiro já trabalhava na redação do jornal O Diário e era responsável pela produção de um boletim esportivo para a Rádio Continental, do Rio de Janeiro, além de chefiar o departamento de esportes da Rádio Guarani. Foi em função dessa experiência que Januário Carneiro idealizou a própria emissora de rádio, que seria voltada para esporte, informação e prestação de serviços.

O autor também relata que as principais rádios de Belo Horizonte reservavam pouco tempo para esses temas em suas programações, e isso foi o grande diferencial para que a Itatiaia se firmasse como uma das mais importantes emissoras de rádio de Minas Gerais. Campelo (2001) afirma que no começo da década de 1950 existiam no Brasil cerca de 200 emissoras.

O então presidente do país, Eurico Gaspar Dutra, queria expandir o sistema de radiodifusão, uma vez que ele se concentrava nas grandes cidades. Em Belo Horizonte, havia três estações disputando a preferência do ouvinte. Caso outra concessão fosse dada à capital mineira, a perspectiva era de que ela seria para o arcebispo Dom Antônio dos Santos Cabral ou para o ex-prefeito Otacílio Negrão de Lima.

No entanto, Assis Chateaubriand fazia pressão para que o governo Dutra não liberasse mais uma concessão para Belo Horizonte. Diante dessa realidade, as possibilidades de Januário, que tinha pouco mais de três anos de mercado e sem dinheiro algum, eram remotas. Januário não desistiu e viu em sua frente à oportunidade de fundar a sua própria rádio.

Nascia, assim, a Rádio Itatiaia. Januário comprou a emissora e passou a alimentar o sonho de fazer da Rádio Itatiaia uma referência no cenário radiofônico de Minas Gerais. Carvalho (1992) relata que, em 1995, a Rádio Itatiaia teve sua potência ampliada e sua sede foi transferida para um prédio no centro da capital. A Rádio, que antes ocupava quatro quartos de um hotel de Nova Lima, passou a ocupar 11 salas em um edifício no centro de Belo Horizonte. As coberturas jornalísticas e esportivas eram constantes e, em 1957, a rádio passou

a operar durante 24 horas, tornando-se a primeira em Minas Gerais e a quarta do Brasil a funcionar ininterruptamente.

Com uma proposta diferente das demais emissoras do estado, a Rádio Itatiaia foi crescendo em audiência e popularidade. Os esforços de Januário Carneiro davam seus frutos e, em 1960, com equipamentos novos e operando com cinco KW de potência, mudou-se para sua sede própria, na Rua Coromandel, hoje chamada Rua Itatiaia.

Conforme descreve Carvalho (1992), as primeiras jornadas esportivas retratavam as partidas de futebol do Villa Nova, clube fundado na cidade de Nova Lima. Boa parte da região acompanhava as transmissões e comemorava, no mesmo ano de fundação da emissora, o título estadual do “Leão do Bonfim”, codinome dado ao clube de futebol. Os primeiros locutores da Itatiaia, ainda inexperientes no rádio, logo conquistaram a audiência local.

O autor ressalta que a “Rádio de Minas”, slogan que tão bem caracteriza a Itatiaia, foi a pioneira em transmissões internacionais. Em 1959 transmitiu o jogo entre Brasil e Peru, pelo Campeonato Sul-Americano.

A cobertura esportiva da rádio, em especial do futebol, é considerada, ao lado do jornalismo, o carro chefe da programação. De segunda a sábado, a emissora veicula cinco programas esportivos: *Tiro de Meta*, *Rádio Esportes*, *Turma do Bate Bola*, *Bastidores e Apito Final*. Isso sem contar as jornadas esportivas que cobrem, em especial, os jogos de América, Cruzeiro e Atlético, além da Seleção Brasileira e, esporadicamente, qualquer partida que contenha grande apelo ao público, mesmo que não envolva os clubes mineiros.

Aos domingos, tal cobertura torna-se ainda mais específica na rádio. Isso pelo fato do calendário esportivo brasileiro ser planejado para atender ao público e convidá-lo a comparecer aos locais em que sediam as competições. Então, após o almoço, a emissora inicia a cobertura esportiva dos domingos através dos programas *Bastidores*, *Bola Premiada*, *Jornada Esportiva*, *Grande Resenha Esportiva* e *Apito Final*.

A identificação da Itatiaia com o futebol, hoje, está consolidada. É possível verificar a proximidade dos nomes criados para alguns programas esportivos com relação às situações do futebol, ou mesmo próximos a isso. Por exemplo, o *Tiro de Meta* faz alusão ao reinício de uma partida, quando a bola ultrapassa a linha de fundo. Nome dado ao primeiro programa esportivo de sua grade, com início as 6h30 e o *Apito Final*, que vai ao ar das 23h05 até a meia noite, encerrando a programação noturna da emissora.

b) Rádio Globo

Tendo como pilares a música, o esporte e a notícia, a rádio pertence às organizações Globo Brasil, um grupo que conta com três emissoras próprias (Belo Horizonte, Rio e São Paulo) e 29 afiliadas, espalhadas por todo o país. Segundo o site da emissora, a frequência 1150 do AM em Belo Horizonte foi inaugurada em 1974 com a rádio Tiradentes, pertencente ao Sistema Globo de Rádio. Em 2002, foi relançada a Rádio Globo Minas, que já tinha ido ao ar nos anos 80. Com o *slogan Bota Amizade Nisso*, a programação da rádio mistura jornalismo, esporte, entretenimento e sucessos musicais populares.

A grade de programação da emissora é extensa e consegue abranger diversos ouvintes pela diversidade dos programas. De acordo com o site da rádio, um de maior audiência é comandado pelo Padre Marcelo Rossi, que atrai, para a Globo, público de todos os perfis. O programa abre espaço para os ouvintes, que pedem orações e contam o que estão vivendo. O padre reza com os fiéis, abençoa e interage de forma natural com as centenas de pessoas que ligam o rádio às manhãs.

O programa *Manhã da Globo* também é um dos destaques da emissora e é inspirado no modelo do programa que vai ao ar no Rio e em São Paulo, mas com o sotaque das Gerais. Um dos quadros é o Troca Tudo, onde o ouvinte que quer vender um sofá meio usado, um vinil raro ou um carrão seminovo liga para oferecer, dá seu preço e o apresentador vai pechinchando – “esse sofá tá caro demais, ô Antônio, tem certeza de que tá mesmo novinho?” – até chegar ao preço final. Só então ele dá o contato. Muita gente que tenta ligar para o vendedor no minuto seguinte já ouve o sinal de ocupado.

Outro programa da grade é o *Bola dentro, bola fora*. Com audiência marcadamente feminina, o apresentador precisava falar de futebol em seu programa, sobretudo falar do Galo e do Cruzeiro. Qual foi a saída? Duas repórteres fazem a cobertura dos dois principais clubes mineiros e cada uma delas diz ao ouvinte o que houve de positivo e de negativo naquele dia.

No total, são 24 quadros de integração com as duas praças que geram a rede, com o Professor Pasquale ensinando de São Paulo e a Ana Paula Portuguesa fofocando do Rio como se ambos estivessem em Belo Horizonte; o Amarelinho e o Globomóvel percorrendo as ruas e avenidas da capital mineira; e, claro, muita informação, músicas pedidas por telefone, a receita do dia, abraços para quem não tem e-mail e o chat aberto a denúncias, críticas, espinafradas e elogios a quem tem direito.

Quando o assunto é esporte, a rádio Globo e a CBN se unem e utilizam a mesma programação. A emissora também buscou investir na cobertura esportiva, numa tentativa heroica de quebrar a hegemonia da Itatiaia no setor, com programas como o *Panorama*

Esportivo BH, com o apresentador Hércules, que vai ao ar todos os dias da semana. O programa traz o noticiário dos clubes, comentários e brincadeiras com as torcidas. Uma hora dedicada inteiramente ao futebol nacional e internacional.

Ainda no esporte, a rádio oferece, por volta das 15h30, um noticiário esportivo que engloba quatro comentaristas de futebol espalhados pela região sudeste, em emissoras filiadas da Rede Globo. No boletim, eles trocam ideias sobre os principais acontecimentos do mundo esportivo e trazem informações sobre os times do país.

O público da rádio é adulto das classes CDE. Também do Sistema Globo, a rádio CBN divide prédio com a rádio Globo de Belo Horizonte, e quando o tema é esporte, as rádios se unem em cadeia para a transmissão das notícias.

c) *Rádio 98 FM*

Pelas mãos do empresário Marco Aurélio Jarjour Carneiro, a rádio 98 FM nasceu em 1972 como Rádio Del Rey, sendo a primeira FM estéreo da América Latina. Criada pelo grupo Bel, a rádio tem como *slogan* “A melhor do pop ao rock” e foca sua programação no pop rock voltado para as classes AB de 15 a 29 anos.

De acordo com Luiz Eduardo de Melo e Silva (2006), desde sua inauguração, a emissora adotou uma linha musical adulta, priorizando a música ambiental. Mas foi a partir da direção de Claudinê Albertini, ainda na década de 1970, que ela começou a abrir espaço para o sucesso e para a música jovem, mesmo sem contar ainda com locutores ao vivo.

Segundo o site da emissora, em 2009, o Grupo Bel retomou a gestão da 98 FM para criar um novo conceito de rádio jovem, abraçar a cidade de novo e resgatar o pioneirismo que marcou sua trajetória. O conteúdo ganhou novos formatos, a internet tornou-se aliada e o marketing é a grande aposta para as ações.

Música, entretenimento e informação continuam sendo o carro chefe, mas agora também a emissora participa ativamente da vida da cidade. A 98 FM está aderindo às causas relevantes ao jovem mineiro para fazer diferente.

Segundo Luiz Eduardo de Melo e Silva (2006), a programação é 100% local e a emissora tem campanhas educativas e humanitárias, numa linguagem jovem e atraente. Com diversos programas e sempre com uma dose de humor, a rádio busca o inusitado, além de contar com uma programação extensa.

Um dos programas que é destaque na emissora é o *Ricardo Amado*. Um programa de humor, interatividade entre os apresentadores e intensa participação do ouvinte, unindo

improvisação, informação e diversão. A emissora também é conhecida por realizar diversas promoções para os seus ouvintes.

Ainda segundo Melo e Silva (2006), a 98 realiza Pedágios/Blitz em toda a cidade de Belo Horizonte com um carro todo equipado e repleto de adesivos com a logomarca da rádio. No Pedágio/Blitz, a 98 FM faz abordagens em veículos para a distribuição de panfletos informativos e brindes da emissora e do patrocinador.

E para aumentar ainda mais a visibilidade dos programas, além de oferecer interatividade, a web é mais uma plataforma de divulgação e relacionamento com o público. São realizadas com frequência ações virais em redes sociais como o Twitter e o Facebook para atrair mais ouvintes para a rádio, pulverizar informações, estreitar a relação com o público e ter acesso ao feedback imediato sobre os conteúdos disponibilizados. As redes sociais também são bons instrumentos para a divulgação de promoções da emissora, atingindo um número grande de seguidores e fãs que fazem parte das redes.

Na parte esportiva a emissora busca fazer transmissões mais descontraídas e bem humoradas, bem ao estilo da rádio. Contendo dois programas esportivos na programação da emissora, a 98 FM já desenvolve um trabalho importante frente ao esporte e tem se configurado como uma das rádios mais divertidas do estado.

No programa *98 Futebol Clube*, que vai ao ar de segunda à sexta, a informação é dada de forma divertida, com direito a imitações, comentários engraçados, participações dos ouvintes e, até mesmo, criação de paródias referentes a algum acontecimento esportivo. É um noticiário esportivo diferente dos convencionais, misturando informação e entretenimento. Trata-se de um programa de humor caricato, com humoristas criando personagens e imitando jogadores e jornalistas de emissoras concorrentes, além de possuir setoristas que fazem a cobertura do futebol na capital mineira, com representantes dos principais times do Estado: Cruzeiro, Atlético e América.

A temática principal das informações é o dia a dia dos clubes mineiros. Informar como as equipes estão se preparando para os próximos jogos, as possíveis contratações, entrevistas com jogadores, técnicos e dirigentes são as principais fontes de notícias. Fatos curiosos ou bizarros também são critérios muito utilizados para escolher o que vai virar notícia no programa.

Já o *98 Esportes* aborda a grande paixão que move os torcedores dos clubes de futebol de forma analítica e democrática. São tratados assuntos atuais, campeonatos, esquemas táticos, contratações, momento vivenciado pelos clubes e perspectivas, principalmente de Atlético e Cruzeiro e também pelo América. Tudo isso de uma forma bem descontraída e

animada, buscando o tempo todo a interatividade com o ouvinte, que também tem direito de participar do programa ao vivo.

5.1.2 Perfil dos comentaristas

As entrevistas com os profissionais foram marcadas nas próprias emissoras durante o dia de trabalho dos comentaristas, no período de fevereiro a abril de 2014. Com isso, foi possível verificar todo o ambiente que faz parte da rotina dos entrevistados, a redação da rádio e todas as pessoas que também contribuem para o andamento da emissora.

a) Cadu Doné

Natural de Belo Horizonte, Carlos Eduardo Doné, conhecido como Cadu Doné, nasceu no ano de 1986 e sempre teve admiração pelo futebol. Aos 17 anos começou a cursar Filosofia, mas sempre teve o desejo de saber mais sobre a história do esporte. Foi aí que no ano de 2005 decidiu ingressar na faculdade de Jornalismo.

Durante a faculdade fez diversos estágios, porém, nenhum completamente ligado ao esporte. Trabalhou em assessoria, na TV Bandeirante, e outros. Quando se formou no final de 2009, estava escrevendo um livro e trabalhando na área de assessoria de imprensa. Por obras do destino, logo após que acabou o seu livro, ele entregou para algumas pessoas, que acabou caindo nas mãos de um homem importante da rádio 98 FM.

Encontraram-se para que Cadu pudesse apresentar algumas ideias de programas para a rádio, mas depois disso não se encontraram mais. Nesse tempo, começou a trabalhar no Portal Uai, na editoria de política, como redator. Quando ele menos esperava, aquela mesma pessoa da Rádio 98 entrou em contato e o convidou para trabalhar na rádio, já ligando para que ele apresentasse as ideias dos programas. Gostou e resolveu aceitar a proposta.

Tendo admiração pela área mais criativa, seria uma oportunidade para o jovem que iniciava sua carreira no rádio. Começou a gravar os programas, mas sempre sobre política. Até que um dia ele pediu que pudesse comentar sobre esporte também. Foi aí que tudo começou e foi tomando proporção, as pessoas ouviam e ligavam para a rádio para darem opinião.

Anos depois recebeu o convite da Rádio Itatiaia. Foi para a emissora e ganhou mais visibilidade. Cheio de ideias novas, Cadu chegou e já deu opiniões no intuito de ajudar ainda mais a rádio. Fez um blog dentro do site da emissora, que rendeu muitos ouvintes assíduos. Depois, visto o sucesso do blog, o editor do Hoje em Dia o chamou para uma coluna fixa no

jornal, escrevendo todas as semanas sobre algum assunto de mais relevância. Mais tarde, recebeu o convite da Band Minas para integrar o quadro de profissionais do programa “Os donos da bola”.

Hoje em dia, o profissional se adaptou a sua rotina jornalística de tantos compromissos. É comentarista do programa *Bastidores*, da Rádio Itatiaia, onde tece a sua análise sobre os principais fatos que aconteceram durante a semana, e ainda participa das transmissões semanais da emissora em jogos de Cruzeiro e/ou Atlético pelos campeonatos que disputam ao longo do ano. O jovem profissional ainda procura mais projetos para elaborar, como a participação em debates esportivos, organização de seminários para alunos de Jornalismo e a elaboração do segundo livro, que promete lançar em breve.

b) Marcos Guiotti

Marcos Guiotti Junior nasceu no ano de 1960, e sempre teve interesse pelos esportes, em especial, pelo futebol bem jogado. Cresceu em Brasília e aos dez anos já jogava bola. Como também tinha admiração por rádio, ainda adolescente sonhava em trabalhar no meio. Formou-se em Economia, anos mais tarde fez Jornalismo e hoje cursa a faculdade de Direito, justamente para aprimorar ainda mais seus comentários sobre punições no meio futebolístico.

Antes mesmo de chegar de fato a trabalhar no rádio esportivo, passou por algumas emissoras como a TV Globo, de Juiz de Fora, onde começou a carreira, e pelas TVs Globo, Minas Manchete e Bandeirantes, em Belo Horizonte. O seu primeiro trabalho no rádio esportivo foi em Juiz de Fora, na Rádio Super B3, levado pelo professor de rádio e jornalista Márcio Guerra. E ainda por dois anos realizou a cobertura de jogos do Tupi, válidos pelo Campeonato Mineiro de Futebol para a emissora da Zona da Mata.

Já em 1991, depois de tantos outros trabalhos, começou a trabalhar na Rádio Globo Minas fazendo cobertura do América, e depois, do Atlético. Em 1994, iniciou sua carreira na Rádio Globo – BH, onde está até hoje, coordenando o Jornalismo e o Esporte. Marcos também já foi comentarista do canal Sportv/Premiere, analisando os jogos do Campeonato Mineiro e do Campeonato Brasileiro em partidas de Cruzeiro e Atlético.

Além de sempre comentar em jogos dos dois principais times da capital mineira, Marcos Guiotti já participou de várias coberturas especiais: Copa do Mundo, Olimpíadas, Jogos Pan-americanos, Fórmula 1 e Libertadores. Hoje em dia, o jornalista se concentra em seu trabalho na Rádio Globo como coordenador de Jornalismo, leciona a disciplina de Rádio no Centro Universitário Newton Paiva e também é colunista do jornal O Tempo, de Belo Horizonte.

Pela Rádio Globo, Marcos Guiotti participa diariamente do boletim esportivo da emissora, onde comenta sobre os principais acontecimentos do mundo esportivo, e ainda realiza os comentários nas transmissões de futebol realizadas para os jogos de Cruzeiro e Atlético.

c) Lélío Gustavo

Tendo o rádio como grande paixão, Lélío Gustavo Heliodoro dos Santos, ou simplesmente Lélío Gustavo, nasceu em Belo Horizonte, no ano de 1974, e desde criança sempre foi um fiel admirador do veículo de comunicação. Seu ingresso para o rádio se deu um tanto quanto por acaso. Um amigo, que trabalhava na Rádio Itatiaia, disse-lhe que estava precisando de um radioescuta. Encarando a oportunidade como um trabalho temporário, Lélío, então com 17 anos, ofereceu-se para assumir a vaga.

Fazendo diversos plantões durante a semana, ele logo ganhou a chance de ser repórter da emissora, função que começou a desempenhar a partir de 1993. Realizando a cobertura de esporte especializado, Lélío permaneceu na Itatiaia por mais dois anos, quando, em 1995, saiu da rádio e mudou-se para Montes Claros, a pedido do companheiro de trabalho, Osvaldo Faria, para que adquirisse ainda mais experiência. Lá, no norte de Minas, ficou por nove meses, onde trabalhou na Rádio Terra.

No ano de 1996, voltou para Belo Horizonte e para a Itatiaia, onde continuou como repórter, só que com muito mais experiência, cobrindo esporte especializado e, aos poucos, foi sendo introduzido no futebol. Até que, em 2002, virou comentarista de futebol na rádio, função que ocupava até o início do ano na emissora.

Quando foi assumindo mais responsabilidades na emissora, o profissional realizou diversas coberturas esportivas, como os jogos Pan-Americanos, Olimpíadas e duas Copas do Mundo. Porém, após polêmicos comentários em um programa esportivo da rede de televisão BH News, relacionadas às atuações do atacante Neto Berola, em março de 2014, o comentarista foi demitido da Rádio Itatiaia, depois de mais de 20 anos de emissora.

Contudo, com todo o seu leque no cenário esportivo, Lélío rapidamente foi contratado pela Rádio 98 FM, onde trabalha atualmente, e realiza comentários dos jogos da série A do Campeonato Brasileiro, principalmente dos times de Minas, Cruzeiro, Atlético e América, e apresenta, comenta e produz o programa “98 Esportes” ao lado da jornalista Adriana Spinelli.

Com as características já citadas das principais rádios de Belo Horizonte e dos comentaristas esportivos dessas emissoras, realizou-se entrevistas com esses profissionais,

cujas falas serão analisadas a seguir com base em eixos específicos. Estes foram construídos a partir das entrevistas, elaborados a partir de caracterizações que permitissem o cruzamento entre os dizeres, suas semelhanças e diferenças, complementaridades e incompletudes. O objetivo de tal perspectivação foi o de permitir a construção de uma tensão metodológica, que possibilitasse entender a problemática principal da pesquisa. São seis os eixos traçados: 1) a figura do comentarista esportivo; 2) definição da função do comentarista; 3) preparação e rotina desse profissional; 4) o comentarista, o torcedor e os conteúdos; e 5) opinião e veículo; e 6) a “nova era” do comentário esportivo.

5.2 Características do comentarista esportivo

5.2.1 A figura do comentarista esportivo

Já foi dito anteriormente que o locutor esportivo era um homem solitário que tinha o dever de, via rádio, transmitir uma partida de futebol nos seus mínimos detalhes. Bem diferente do que acontece atualmente, onde a equipe incumbida de transmitir uma partida pode chegar a até sete integrantes, ou mais, em casos especiais.

A função do comentarista não existia no rádio. Desde a primeira transmissão, uma série de boletins feitos por Leopoldo Santana, no jogo Brasil x Argentina, pelo Sul-Americano de 1922 (RIBEIRO, 2007, p.59), passando por nomes como Nicolau Tuma, Amador Santos, os precursores da função, o locutor não tinha o auxílio de um analista, apesar de alguns conciliarem a narração com a análise, como conta Marcos Guiotti:

Alguns narravam e comentavam simultaneamente. Na verdade, muitos naquela época tinham condições para isso, eram homens de facilidade de improviso muito grande, e conheciam todos os assuntos, não só futebol. Conheciam um pouco de tudo. Um excelente exemplo que posso dar é locutor Gagliano Neto. Homem de fibra, que foi um dos grandes precursores dos comentários esportivos do Brasil (APÊNDICE 2, p. 69).

Segundo Marcos Guiotti, Gagliano Neto foi responsável por inserir a figura do comentarista nas transmissões esportivas por volta dos anos 30. Entretanto, a novidade não surgiu de forma premeditada e, sim, como uma solução para um problema técnico existente nos primeiros anos do casamento entre o rádio e o futebol.

Eu não era nascido nessa época, mas como sempre gostei muito de futebol, eu procurava saber de tudo, principalmente sobre essa profissão de comentarista. E de fato, as transmissões do passado não tinham comentaristas, eles colocavam músicas no intervalo, músicas de sucesso, só isso. E foi por causa de um problema técnico que tudo começou, isso na década de 30. Num jogo do campeonato Sul-Americano, Neto passou para o estúdio para que o estúdio pudesse tocar os discos que eles quisessem e não voltou mais para ele, porque deu confusão, negócio de linha. Naquele tempo era muito complicado isso tudo. E ele precisava prender a linha para

que não voltasse a acontecer um fato daquele. E tinha um jornalista do Sul que estava cobrindo para o jornal local, o nome dele era Ary Lund. Aí, como o Ary estava em Buenos Aires, o Gagliano teve a ideia de usar o jornalista para comentar, pois não tinha ninguém com Gagliano lá no estúdio. Foi lá e colocou Ary no intervalo do jogo e pediu a opinião dele sobre a partida. Foi aí que Gagliano teve a ideia de ir fazendo isso sempre, porque tinha dado muito certo. (APÊNDICE 2, p.69).

A ideia da figura de um comentarista nas transmissões esportivas foi posta em prática em 1940, quando “a Rádio Cruzeiro do Sul coloca Blota Júnior e Geraldo Bretas para comentarem os jogos” (GUERRA, 2002, p.21). Depois disso, vieram outros nomes importantes na consolidação do comentarista esportivo no Brasil. Alberto Mendes, na Rádio Globo; Lourival Pereira, na Rádio Mayrink Veiga; José Maria Scassa, na Rádio Tupi; Waldemar de Barros e Carlos Marcondes, na Rádio Continental; Thomaz Mazzoni, na Rádio Cruzeiro do Sul. Mas a função era diferente do que se vê atualmente. Inicialmente, os comentaristas só apareciam durante o intervalo da partida e no fim do jogo, quando era feita uma breve análise, como citado anteriormente, e se “fazia uma espécie de resumo da partida, informando o placar, os autores dos gols e alguns dados estatísticos do jogo” (RIBEIRO, 2007, p.85). Mas esse período de atuação do comentarista foi crescendo, começando a aparecer com maior frequência durante o desenrolar da partida, como afirma Lélío Gustavo.

Agora o comentarista tem mais vezes de inserções durante uma partida do que antigamente. Geralmente aos 15 minutos do primeiro tempo, no intervalo, aos 15 minutos do segundo tempo e no final do jogo o comentarista aparece dando a sua opinião sobre o andamento da partida. (APÊNDICE 3, p. 76).

A partir daí, novos nomes não paravam de surgir e os comentaristas foram ganhando mais e mais respeito do público: Benjamin Wright (pai do ex-árbitro e comentarista de arbitragem José Roberto Wright), Geraldo Romualdo e Ruy Porto, todos no Rio; enquanto em São Paulo os maiores eram o ex-jogador Leônidas da Silva, Mauro Pinheiro e Mário Morais (MENDES, 1999, p.71-72). Cada vez mais, com a presença do comentarista, “a transmissão deixou de ser apenas um relato e passou a contar com a opinião de um especialista no assunto” (PERONI, 2007, p.90). Só faltava uma pequena mudança na linguagem do profissional da análise.

O comentarista era muito quadrado, vamos dizer assim, o comentarista no intervalo e no fim contava a história do jogo, dando minutos, dando tudo. Era muito fixado no andamento do jogo e tinha um linguajar que eu considero pesado: ‘aos trinta minutos do primeiro tempo, fulano pegou a bola, deu três dribles em beltrano, sicrano e fulano e foi em frente, entrou na área e na hora de chutar, caiu. Foi lamentável ver’. Era nesse tom. Mas um dia chegou um sujeito chamado João Saldanha na crônica esportiva, e começou a fazer um comentário totalmente diferente. O comentário dele era conversado: ‘olha, se o time do Flamengo continuar aberto do lado esquerdo, vai cair do cavalo’, ou então: ‘se continuar esse zagueiro, furando da maneira como está, a vaca vai pro brejo’. Esses termos, por mais

populares, em tom conversado, entendeu? E aí mudou muito o caminho do comentarista, porque passou a ser mais, digamos, mais coloquial, o comentarista deixou de ser quadradão, o que era na época. O cara não fazia isso porque queria, não era o único que fazia, todos faziam (APÊNDICE 2, p. 70).

Com “João-Sem-Medo”, como Saldanha ficou conhecido, o comentário esportivo ganhou nova dimensão, que pode (ou deveria) ser encontrada em todos os profissionais da função: a simplicidade. A maneira simples e caseira de comentar encantou o país, pois o jeito de falar tocava mais rápido aos ouvintes. Frases curtas, objetivas e fazendo analogias com fatos do cotidiano, palavras mais conhecidas do público em geral. Com o passar dos anos, o comentarista se torna uma figura presente durante toda a transmissão esportiva, tendo a sua função ainda mais clara aos ouvidos de todos que acompanham rádio. Uma figura que analisa, que dá a sua opinião de forma objetiva e rápida para o entendimento dos ouvintes amantes de futebol.

5.2.2 Definição da função do comentarista

Ao longo dos anos, a função foi ficando cada vez mais caracterizada, e delimitada também, para que narrador, comentarista, repórter de campo (que foi implantado em seguida) não tivessem suas atribuições misturadas, o que acabaria confundindo quem estivesse acompanhando a transmissão. Assim sendo:

[...] o comentarista tem a função nobre de explicar e permitir ao torcedor que acompanhe o jogo de forma diferenciada. Entre tantas funções importantes, cabe a ele analisar o que aconteceu, o que pode acontecer e antever o que aconteceria numa partida. Analisar com consistência, por exemplo, quando um treinador muda a forma de um time jogar ou quando coloca em campo ou na quadra um determinado jogador. Ver realmente a partida, explicar ao torcedor o que está acontecendo e tentar prever, com a mesma simplicidade, o que ainda vai acontecer (BARBEIRO; RANGEL, 2006, p.78-79).

Além das definições mais teóricas, pode-se pensar o trabalho do comentarista à luz de quem está acompanhando uma partida de futebol, ouvindo no rádio. Pois é atribuição deste profissional “explicar um fato que o ouvinte não viu e que lhe foi contado em tom emocionado. Fazê-lo criar um campo de futebol em sua cabeça para poder usar termos como ‘na altura da intermediária’ ou ‘na entrada da grande área’” (GUERRA, 2002, p.34). E mais do que uma função específica, o comentarista ganhou papel importante, principalmente no rádio, pois: “é o comentário que prende o ouvinte ao rádio durante, no intervalo e após o término da partida. Ele sustenta a narração dando consistência aos lances, apontando falhas e acertos e esclarecendo o que o torcedor não compreende” (PERONI, 2007, p.85).

Conforme dito anteriormente, para a execução deste trabalho foram entrevistados alguns comentaristas do rádio, e cada um respondeu como vê a função que executa. Nestas definições, percebe-se que os profissionais entendem seu trabalho de maneira semelhante aos teóricos anteriores, mas também podem-se vislumbrar outros pontos, que serão abordados posteriormente. O comentarista Cadu Doné, da Rádio Itatiaia, tem visões complementares:

O comentarista é cada vez mais importante, porque dentro da paixão do torcedor e das pessoas que acompanham o futebol, há uma demanda muito grande pela opinião. O indivíduo não quer saber só se o jogador está machucado, quem está suspenso. Ele não quer saber só o boletim do clube. Ele quer saber também da opinião. E, obviamente, a figura da opinião, no jornalismo esportivo, seja no impresso, na TV ou no rádio, é por meio do comentarista. É uma função que tem muito sua importância por causa disso, de ser a parte da opinião de um veículo. E, hoje, o comentarista tem que estudar muito, ele não pode dar uma opinião por achismo; ele tem que embasar aquilo. Então, eu enxergo a profissão como um trabalho de muita responsabilidade e um trabalho no qual a pessoa precisa se preparar muito (APÊNDICE 1, p. 59).

Já o profissional da Rádio 98 FM, Lélío Gustavo, é ainda mais objetivo ao explicar sobre a função do comentarista numa jornada esportiva e aponta quais são os dois pontos primordiais que norteiam o trabalho do comentarista:

Diria que o primeiro mandamento de um comentarista esportivo é que ele tem que ser isento. Tem que deixar de lado a sua paixão para comentar um jogo de futebol. Então tem que saber se comportar como um profissional que exerce uma função importante dentro de uma transmissão, uma função de relatar de maneira mais simples possível o que se passa em uma determinada partida. Acho que o profissional deve ter informação e interpretação. Para mim, são as principais funções do comentarista, não apenas na área esportiva. Isto vale também para política, economia, etc (APÊNDICE 3, p; 75).

O comentarista da Rádio Globo, Marcos Guiotti, revela certa dualidade existente no trabalho dos analistas de futebol:

Comentar é fácil e difícil ao mesmo tempo. Fácil porque a posição do comentarista é muito cômoda. Ele antes e durante o jogo faz um monte de 'achismos' e suposições. Se acerta, é gênio, é bom, sabe tudo etc. Se erra, arranja sempre uma desculpa para justificar. O bom é que não corre o risco de perder o emprego como ocorre com a maioria dos treinadores que escala e mexe mal nos times. É difícil porque cada veículo de comunicação tem o seu perfil de público. Um dos segredos é saber se comunicar de acordo com esse público. Já vi muita gente perder o emprego ou não agradar ao torcedor porque não conseguia falar a linguagem certa daquele receptor (APÊNDICE 2, p. 67).

Ainda de acordo com o pensamento de Marcos Guiotti, o comentarista precisa tentar traduzir para o ouvinte as tendências táticas e técnicas da partida de futebol. O comentarista Cadu Doné, acrescenta a essa definição, uma característica mais recente do trabalho do profissional:

[...] o comentarista deve ser um analista tático do jogo e, também, um fornecedor de informações que expliquem ou tentem explicar um pouco mais além daquilo que o torcedor está vendo em casa (APÊNDICE 1, p. 59).

Para complementar a explicação de Cadu Doné, o experiente Lélío Gustavo garante que a simplicidade na hora da análise deve ser premissa básica do analista, independentemente de sua característica e se ele estiver trabalhando no rádio ou na televisão. Ele diz que é necessário que não se complique muito as informações para quem estiver acompanhando a partida.

[...] o ouvinte não quer saber se o meio-de-campo tá fazendo isso, tá segurando a bola, como eu vejo muito comentarista fazer. Tem que dizer: “o meio-de-campo não está jogando bem”. Simplesmente isso (APÊNDICE 3, p. 76).

O que todos concordam é que o profissional incumbido da tarefa de comentar um jogo, assim como qualquer outro jornalista, tem que controlar suas emoções. Apesar de todos saberem que o comentarista pode ter um time de futebol, Cadu Doné, Marcos Guiotti e Lélío Gustavo ressaltaram a importância da imparcialidade, mostrando que o comentarista deve controlar suas emoções e que, apesar dos anseios de torcedor, não se deve postar a favor de um lado, mesmo que este seja a Seleção Brasileira.

5.2.3 Preparação e rotina do comentarista esportivo

Com a tarefa de analisar e relatar tudo o que se passa durante uma partida de futebol para o ouvinte do rádio, o comentarista precisa se manter conectado a tudo que está acontecendo no mundo esportivo e se manter informado sobre os bastidores dos clubes e das confederações futebolísticas espalhadas pelo mundo afora.

Para que o conteúdo do comentário seja sempre entendível e para que seja um comentário sólido e eficaz, o profissional necessita de um preparo para as suas análises. Esse preparo, segundo os entrevistados, vem durante a vida como jornalista, pois o cotidiano do trabalho acaba ensinando muito e os ajudando a construir e embasarem os seus comentários durante uma transmissão, seja por meio de muita leitura ou por meio do conhecimento adquirido ao longo dos anos na profissão.

Para o comentarista Cadu Doné, o simples ato de comentar no rádio, sendo um dos principais veículos de comunicação do mundo, exige uma disciplina que precisa ser seguida dia após dia. Essa disciplina, segundo ele, vem com a rotina jornalística, com o preparo, com os bastidores da jornada esportiva:

Uma característica que é fundamental para o preparo de um comentarista é assistir aos jogos completos de futebol. Não adianta só ver os melhores momentos ou ler o que aconteceu no jogo; você tem que ver o time em campo, porque o comentarista precisa entender o que aconteceu na partida, o rendimento dos jogadores, enfim, precisa saber de cada detalhe. Então, por exemplo, se eu trabalho num jogo do Cruzeiro no sábado, e no domingo o Atlético joga, é num horário péssimo e é minha folga, eu vejo o jogo completo depois. Arrumo uma maneira de gravar e faço questão de ver a partida completa. Quem trabalha aqui em Minas precisa ver todos os jogos de Cruzeiro e Atlético, sempre, porque a preparação para mim precisa ser constante. Você nota a diferença. (APÊNDICE 1, p. 63)

Ainda segundo o comentarista Cadu Doné, o profissional precisa se manter o tempo todo informado de tudo o que acontece no mundo do futebol para que os comentários tenham conteúdo e que não fique na base do achismo.

Estar constantemente informado e acompanhar as partidas [...] são os diferenciais da preparação de um bom comentarista. Para completar, antes do jogo, procurar ler jornal principalmente com notícias relacionadas aos times que vão jogar, e procurar acompanhar os treinos das equipes, porque os profissionais acabam te respeitando ainda mais e a gente sempre descobre alguma informação nova. É melhor fazer a preparação constante para os jogos do que somente a preparação antes das partidas. A pesquisa antes do jogo é mais para completar mesmo, por exemplo, buscar informações de quem está machucado, de quem está suspenso, estatísticas, etc. (APÊNDICE 1, p. 63)

Para Marcos Guiotti, o mais importante na preparação do comentarista é o entrelaçamento de suas ideias, o princípio, meio e fim do comentário para que ele seja entendido pelo grande público. E, claro, que o profissional seja dinâmico e que tenha argumentos e informações para embasar a sua análise.

O futebol e o jornalismo são muito dinâmicos, logo precisamos estar antenados em tudo que acontece o tempo todo. Eu me preparo para as partidas vendo todos os jogos possíveis das equipes de Minas, principalmente de Cruzeiro e Atlético. Isso é essencial. Nós precisamos estar atentos às notícias dos dois times para poder levar conteúdo para os jogos (APÊNDICE 2, p. 71).

E ainda segundo Guiotti, o dia a dia da profissão ajuda no preparo para a entrada ao vivo na jornada esportiva. Os ingredientes para o bom jornalista é a mistura de agilidade e objetividade, assim como um bom comentário esportivo no rádio.

O comentário acaba sendo um misto de informação e opinião. É preciso ter informação também, porque precisamos ter conteúdo. O ouvinte também não quer somente informação, ele quer alguém que dê opinião sobre o seu time, sobre determinado jogador. Os repórteres aqui da rádio vão para os clubes todos os dias para tentar conseguir alguma informação nova. Isso é importante porque acaba sendo um diferencial na hora de comentar. Nós temos que ser claros na hora de comentar. Não podemos ficar indo e voltando com nossos argumentos. Temos que ser sempre coerentes, com começo, meio e fim. E para embasar os nossos comentários, é preciso ter informação e organização para passar para o ouvinte, mesclando com os nossos argumentos (APÊNDICE 2, p. 69 ou 72).

Além de todas as características citadas por Cadu Doné e Marcos Guiotti, o ponto chave para o comentarista Lélío Gustavo é se manter on-line 24 horas por dia. Para ele, o profissional, que na maioria das vezes, já é jornalista, está acostumado a não ter hora de dormir, não ter hora de almoçar, tudo em função da profissão.

É importante que o comentarista já tenha o espírito de um jornalista. O que com certeza já tem. Para comentar uma partida é necessário ver diversos jogos. Independentemente se determinada equipe irá entrar em campo ou não. Eu preciso acompanhar a maior quantidade de partidas que eu conseguir, porque aprendemos alguma coisa todos os dias. Estudo vendo os times jogar. A preparação é constante e diária, é justamente isso que é importante. A pessoa tem que se manter conectado o tempo todo, saber um pouco de cada equipe. Não tem como estudar sem ser dessa maneira (APÊNDICE 3, p. 77-78).

Para que tudo aconteça de maneira simples e que a dupla informação/opinião chegue de forma clara e objetiva até o ouvinte, o comentarista precisa se inteirar dos assuntos tratados, não somente antes das partidas que irão comentar, mas com uma preparação contínua, construída cotidianamente na rotina de um jornalista.

5.2.4 O comentarista, o torcedor e os conteúdos

Como dito anteriormente, o comentarista necessita de todo um preparo para a construção das análises nas transmissões. Com isso, torna-se necessário, segundo eles, a especialização de quem acompanha futebol. Se o profissional não estiver preparado adequadamente para uma transmissão, corre o risco de entrar “em campo” sabendo menos do que seu ouvinte ou telespectador. Para Marcos Guiotti, alguns comentaristas têm se perdido diante dessa situação, tentando enxergar até o que não existe e explica que:

[...] o sujeito que está vendo o jogo, tem seu próprio comentário, ora bolas! O comentarista pode até contrariar o que o telespectador está pensando a respeito do andamento de um jogo. Pode o telespectador achar que o Neto Berola está jogando uma barbaridade e o comentarista chegar e “olha, hoje está muito mal esse jogador”, como eu tenho visto aí. Eu assisto muito jogo pela televisão e vejo, às vezes, os comentaristas descascando um jogador que está jogando bem, inventando que o cara está fugindo das dívidas, tirando o pé dos lances, uma série de coisas que a gente vê que ninguém está vendo (APÊNDICE 2, p. 73-74).

Outra crítica que acaba se fazendo ao comentarista de futebol é o “falar o que é óbvio”, o que para Barbeiro e Rangel (2006) significa esperar as coisas acontecerem para fazer sua análise. Lélío Gustavo garante que isso pode ser explicado pela paixão de quem acompanha o futebol. Pois todos que acompanham o futebol se colocam no lugar do comentarista. “Então, se a análise foge do que pensamos, o cidadão é mau comentarista. Se ele vê a mesma coisa que nós, só enxerga o óbvio” (APÊNDICE 3, p. 78).

Cadu Doné concorda que, com o torcedor cada vez mais bem informado, é um desafio para o profissional ir além da análise rasa, e que é preciso manter essa interação com o ouvinte. Contudo, ele também aponta o excesso de trabalho como um fator que faz com que o comentarista não consiga estar 100% inteirado de tudo o que acontece no mundo do futebol.

Acho que acesso à informação hoje é muito fácil. Qualquer pessoa fica sabendo o que está acontecendo no mundo, então ela já vai escutar o nosso comentário ciente do acontecido. Internet, smartphones, televisão, atualmente todos têm acesso às plataformas sociais, todos veem os jogos, logo, isso acaba que “obriga” o comentarista a ir mais a fundo, a estudar mais os jogos e a gerar esse desafio mesmo, de ir além (APÊNDICE 1, p. 62).

Já Guiotti considera que essa situação é motivada pela existência de alguns maus profissionais nas transmissões esportivas, que acabam denegrindo a imagem da classe como um todo. Lélío concorda que alguns comentaristas se fixam em dizer o que todo mundo já sabe, mas acredita que, em alguns momentos, a própria partida apresenta ao comentarista como conduzir sua análise, não havendo uma regra na hora de manter ou não sua opinião diante de uma alteração de placar, por exemplo.

Barbeiro e Rangel apresentam uma receita simples para que o comentarista não caia na obviedade, o que reforça a necessidade da constante qualificação:

[...] o comentarista precisa ter conhecimento do assunto, experiência e a vivência no esporte. Mais do que qualquer membro da equipe, o comentarista precisa ter conhecimento profundo das regras do esporte sobre qual fala ou escreve. Não é desdouro para ninguém levar para o local do jogo um manual com as regras definidas e claras do esporte que está sendo disputado. (BARBEIRO; RANGEL (2006, p. 53)

Essa sugestão vai de encontro a características observadas nos três profissionais do comentário. E para que o torcedor tenha segurança no comentarista que atua na transmissão da partida do time de coração, é necessária a construção dessa credibilidade, que vem com o tempo e com o conteúdo dos comentários feitos.

5.2.5 Opinião e veículo

A fim de expressarem de maneira sólida e concisa a opinião, os comentaristas analisados se utilizam de um dos maiores veículos de comunicação do mundo, o rádio. Esse meio é rápido, ágil e necessita de pessoas que também tenham essas características e esse dinamismo.

O jeito de comentar, as palavras utilizadas para falar sobre determinado jogador, do técnico ou do presidente do clube, a forma de construção das frases para não gerar

ambiguidades, enfim, segundo os profissionais analisados, tudo pode interferir na hora de tecer o comentário ao vivo durante uma transmissão esportiva durante um programa nas rádios que atuam.

Para o comentarista Marcos Guiotti, o profissional não deve se expor demais em seus argumentos. Segundo ele, o que faz o bom comentarista é justamente a maneira que comenta, sem ofender ninguém. Na Rádio Globo, os profissionais já são instruídos desde o princípio com uma cartilha com as normas do Sistema Globo, para que incidentes não venham a acontecer.

Em nossos programas esportivos e nas transmissões sempre falo o que eu quiser. Claro que não posso falar mal de ninguém, de nenhum jogador ou técnico, por exemplo. Temos que ter bom senso também para comentar. Eu, como não sou desse perfil mesmo, é muito tranquilo, porque temos uma liberdade muito grande. Dentro do perfil de um jornalista, de um profissional, eu posso falar o que eu quiser (APÊNDICE 2, p. 74)

Para o comentarista Cadu Doné, na Rádio Itatiaia não há orientação para que se siga a opinião da empresa. Segundo Doné, ele nunca foi censurado pelo chefe, nunca foi orientado a apresentar determinada opinião. Nunca, sequer indiretamente, tentaram, nas entrelinhas, o levar a dizer algo.

Por enquanto, sempre tive liberdade total. Portanto, posso dizer: em todos os lugares onde trabalho – rádio, TV, jornal e internet – sempre apresentei uma opinião pessoal. Nunca sequer conheci o que seria a “opinião editorial” em determinado assunto, já que os veículos onde trabalho deixam os profissionais apresentarem suas visões pessoais, muitas vezes, inclusive, divergentes entre si. Na rádio e na TV, onde faço programas de debate, a discordância é muito comum e, frequentemente, salutar, louvável. Afinal, é uma parte interessantíssima, fundamental da democracia, a liberdade de opinar. Assim, concluímos: numa mesma empresa, costumeiramente há várias opiniões, e nenhuma é tida como verdade absoluta, como versão oficial da casa. Pelo menos deixo claro nas empresas onde trabalho (APÊNDICE 1, p. 65).

Já Lélvio Gustavo afirma que o comentarista deve ter total liberdade dentro da empresa em que atua, porque senão acaba sendo moldado por pessoas, que, muitas vezes, não entendem do assunto, e o profissional pode perder a sua principal característica, que é a de isenção e de lealdade com o ouvinte. Para ele, o comentarista precisa tomar certo cuidado para que a opinião da empresa em si não venha a intervir em sua própria opinião.

Eu costumo ser bem esperto em relação a isso. Pelo menos na 98 eu tenho total liberdade. Só não é permitido falar palavrão, falar mal de outra pessoa. De resto, podemos expor a nossa opinião sem problemas. Isso é bem legal da emissora, de nos deixar livres para comentarmos da forma que quisermos, e o que quisermos. Isso até motiva o profissional, que sabe que não vai ser barrado por qualquer coisa (APÊNDICE 3, p. 79).

A liberdade de expressão no comentário esportivo é um fator de elo na opinião dos três profissionais analisados. Muito mais que comentar sobre determinado time ou jogador, o profissional necessita de espaço e de liberdade nas emissoras. Isso, segundo eles, até ajuda na credibilidade com o ouvinte. Claro que cada empresa tem a sua linha editorial a ser seguida, como na 98, por exemplo, onde o futebol e o entretenimento andam lado a lado com o humor. Na Itatiaia, o futebol e o jornalismo são o carro chefe da rádio; na Rádio Globo o esporte tem conquistado cada vez mais espaço na emissora; então, cada uma tem o seu perfil, mas o diferencial, segundo eles, é a liberdade que cada empresa proporciona ao profissional do jornalismo.

5.2.6 Nova era do comentário esportivo

Schinner (2004) afirma que duas das características do comentarista esportivo são o passionalismo e o achismo. A primeira é definida pelo autor como “uso exagerado da emoção, da paixão clubística e do bairrismo”, enquanto a segunda, ele diz ser o “ato de se supor sem embasamento técnico”. Em termos gerais, a opinião de Schinner vai contra ao que foi dito pelos comentaristas entrevistados. Talvez, porque o autor pode ter se baseado em uma antiga imagem de profissional, que fazia sua análise de maneira mais subjetiva.

Coelho (2003, p.18) afirma que a mudança no perfil do jornalista esportivo, em geral, começou a ser sentida na década de 70, quando a subjetividade começou a dar lugar a uma busca incansável pela verdade dos fatos. Guiotti acrescenta dizendo que, hoje em dia, os mais jovens são importantes personagens nessa mudança, devido uma preparação intensa antes de se apresentarem para comentar um jogo, independente da modalidade.

Há colegas que levam revistas, livros, etc., para serem utilizados como subsídio para os seus comentários. Ou seja: a era dos comentaristas demasiadamente subjetivos e emocionais está com seus dias contados (APÊNDICE 2, p. 71).

E se anteriormente o comentarista poderia ser uma “estrela” de brilho mais ofuscante ao restante da sua equipe, Lélío aponta que a transformação das funções também fez com que o comentarista voltasse a ser um profissional com a mesma dimensão que qualquer outro dentro de uma transmissão. “Não se pode comentar futebol hoje sem a compreensão do trabalho da equipe e dos subsídios que eles podem trazer à análise” (APÊNDICE 3, p. 78).

Difícil dizer o que, exatamente, fez mudar a forma do comentarista se portar. Percebe-se que há uma relação entre a inserção das novas tecnologias e essa redução da subjetividade na análise do profissional do comentário. De maneira geral, as inovações surgidas, resultaram

em um aumento das informações à disposição do comentarista de futebol e, por consequência, se está à disposição, o torcedor espectador ou ouvinte também quer desfrutar dela, como aponta Doné sobre as novas tecnologias disponíveis:

[...] elas exigiram mais conhecimento técnico do comentarista. Sem ele, o torcedor facilmente está mais bem informado que quem teoricamente é mais especializado. Além disso, ao mesmo tempo, essas novas tecnologias tornaram muito mais fácil o acesso à informação. Hoje é impossível você não conseguir informação sobre um determinado atleta ou time (APÊNDICE 1, p. 61).

Outra inovação que foi agregada e incrementada ao comentário esportivo é a participação do ouvinte. Se antes, esporadicamente, emissoras de rádio abriam seus microfones para que, via telefone, um ouvinte que estivesse vendo o jogo comentasse a partida, hoje, emissoras de rádio usam telefone, portal de voz, mensagem de celular, internet (via e-mail, Twitter, sites oficiais, Facebook). Guiotti entende que essa participação do ouvinte é uma realidade posta, e que o profissional precisa saber lidar com ela. “Eu, por exemplo, não abro mão de comentar os jogos com a participação do ouvinte. Através do e-mail, ele manda a mensagem e a gente ‘discute’ o jogo junto” (APÊNDICE 2, p. 74).

Entretanto, todas as inovações, também impõem uma condução cuidadosa por parte do comentarista, um exemplo disso é a imensa quantidade de dados estatísticos que se obtém durante uma transmissão. Hoje, em qualquer transmissão é possível se observar em tempo real os mais variados números da partida. Chutes a gol, passes errados, escanteios, impedimentos já se tornaram corriqueiros. E hoje já se pode saber quanto cada jogador correu, qual o espaço que costuma percorrer. Porém, tanta informação por vezes é utilizada de forma incorreta, ou subutilizada.

[...] para lidar com dados estatísticos é preciso ter muito cuidado, pois uma leitura equivocada pode acarretar uma interpretação completamente errônea e sugerir uma outra visão da partida de futebol. A falta de preparo por grande parte da imprensa, ou pelo desconhecimento desta área, tem feito com que o “scout” no futebol induza a opiniões às vezes equivocadas por parte dos comentaristas esportivos (VENDITE, VENDITE, MORAES, 2005, p.4).

E de acordo com os profissionais entrevistados, essa quantidade de informação disponível tem seu lado negativo, que é causado, em partes, pela quantidade de jogos transmitidos pela TV, o que tem promovido uma grande quantidade de transmissões por off-tube (aonde o narrador narra o jogo pela televisão, não indo ao estádio). Guiotti afirma que essa prática é uma forma das emissoras levarem ao ar o maior número de jogos possíveis, sem precisar gastar com deslocamento de equipes inteiras (APÊNDICE 2, p. 76). Quem perde com essa cobertura é o comentarista e, por consequência, o ouvinte. Como assegura Doné: “Ela não permite que você tenha o que é o grande diferencial em relação a quem está em casa, que

é a visão espacial do jogo. Quando você está no campo, consegue entender e perceber variações táticas, algo que é fundamental no comentário” (APÊNDICE 1, p. 64).

Para Lélío, em outras épocas, o profissional de futebol era uma figura mais folclórica. Tinha uma história por trás dos jogos. Isso porque antigamente as pessoas não tinham televisão em casa, não tinham acesso à informação rápida e à internet. Então, muitas vezes o narrador e o comentarista acabavam aumentando muito os lances do jogo, mesmo sem ter acontecido nada que se destacasse assim.

Antes os jogos eram mais folclorizados. Hoje em dia com todo esse aparato tecnológico já existente as pessoas ficam sabendo de tudo na mesma hora que nós ou até antes. Acho que a função sempre foi muito importante, mas acredito que ela é ainda mais importante atualmente. As pessoas têm a necessidade de saber, de entender, de ouvir a nossa opinião (APÊNDICE 3, p. 76).

O comentarista era, até então, o dono absoluto da verdade para aqueles que não estavam vendo a partida. Antes, o profissional da análise recontava o jogo, apontando para detalhes que construía a sua história, explicava as causas e consequências do placar, por vezes, imortalizava craques. Mas com todos muito mais bem informados, o ouvinte foi se tornando mais conhecedor dos times e das partidas realizadas.

Certamente, esse atual perfil de comentarista é mais conectado com os acontecimentos do mundo. O comentarista passou a acumular os deveres de informar e analisar, claro, com a restrição de não estar no campo de jogo e perder vários lances e fatos que acontecem no estádio. O que ocorre pela quantidade de informação acumulada, da capacidade de enxergar nas estatísticas, no padrão tático, na performance de tal jogador, uma imensa gama de possibilidades para construir os seus comentários de forma clara e objetiva para os ouvintes.

6. CONCLUSÃO

Quando pensado inicialmente, havia a intenção de realizar esse trabalho por meio da análise de jogos para entender mais sobre a função do comentarista de futebol. Entretanto, verificou-se, através das entrevistas realizadas com os jornalistas, que a rotina desses profissionais pode dizer e muito sobre eles e sobre o que é escutado em seus trabalhos durante uma transmissão esportiva, logo, precisava analisá-los de forma mais profunda e eficaz, tendo como subsídio as entrevistas e o bate-papo com esses profissionais.

Mesmo em manuais de jornalismo ou de locução esportiva, o espaço reservado para o comentarista ainda é limitado. Normalmente há apenas uma pequena descrição do trabalho que o profissional exerce e sugestões como não falar o óbvio, manter-se atualizado.

Por isso, se tornou importante abordar alguns pontos, para que se pudesse traçar um panorama do comentário radiofônico dentro de um esporte que mexe com o coração do torcedor. Foi apresentada uma breve história do futebol, no mundo e no Brasil. Isto se fez necessário para verificar o tamanho da paixão que o esporte envolve. A relação do público com o futebol transcende o mero “acompanhar uma prática esportiva”. A grande maioria dos fãs do futebol tem o esporte presente em boa parte do seu dia, sendo também comentaristas, seja assistindo pela TV, acompanhando no estádio, conversando no “botequim”.

Ou seja, muitas vezes, quem acompanha o futebol participa do evento, e aí entra o jornalismo esportivo, que, de certa forma, faz o intermédio dessa relação. O torcedor, além das discussões diárias que trava sobre o esporte, também está sempre ligado nas notícias do seu time e dos adversários. E se no início havia pouco destaque para as notícias do futebol, com jornalistas lutando pela publicação de notícias, hoje é possível encontrar jornais, programas de rádio e até canais de televisão por assinatura dedicados 100% ao esporte.

O comentário esportivo de futebol tem características próprias, que vão além do improviso natural, como a utilização de metáforas, apócopas, a velocidade e a forma como as palavras são pronunciadas. Por isso, o comentário esportivo tem mostrado, ao longo dos anos, eficiência em sua proposta comunicativa de levar até o ouvinte os acontecimentos registrados durante uma partida de futebol. O profissional do comentário figura, assim, numa posição que tem a possibilidade de emitir opinião no desenrolar do jogo e retratando tudo que se passa para o ouvinte.

Na década de 1920, os comentaristas ganharam espaço nas transmissões esportivas, inicialmente feitas pelo rádio e depois pela televisão. Primeiro, eram narradores isolados, sem a presença de comentaristas e repórteres, que surgiram depois. A transmissão era repleta de

emoção, e, no rádio, as partidas ganhavam outra dimensão, afinal, o torcedor não estava vendo a bola rolando, e o narrador precisava fazer com que ele mantivesse o ouvido colado no aparelho, mesmo que por vezes alguns fatos fossem supervalorizados para aumentar o interesse em relação a determinado jogo ou competição.

Os primeiros comentaristas, que eram cronistas do jornalismo impresso, também eram dessa escola, mas, surpreendentemente, enganam-se os que acreditam que os comentários e as análises eram estritamente subjetivos. Pelo contrário. Marcos Guiotti garante que os precursores da função tinham linguagem pesada e extremamente minuciosa na descrição.

Só com nomes como Mário Filho, no cronismo impresso, e João Saldanha, no rádio, o esporte ganhou outra dimensão no jornalismo, em um momento que pode-se chamar de período romântico do comentário esportivo, e que deu ao Brasil grandes nomes como Ruy Porto, Armando Nogueira, Mário Moraes, e claro, para muitos, o maior de todos eles, o próprio João Saldanha.

Não que essa subjetividade significasse que fosse necessário dar uma maquiada na verdade, como nas primeiras transmissões, mas a linguagem do comentarista de futebol se tornou mais atraente. Os profissionais começavam a falar tanto para o torcedor da arquibancada quanto para o que estivesse ouvindo no boteco. O comentarista, na verdade, mesmo que à distância, entrava nas discussões, servindo algumas vezes como uma base para a opinião do torcedor.

Viu-se que a opinião é a base para qualquer comentarista, e que são deveres do jornalista narrar, informar e comentar os fatos que acontecem. No jornalismo esportivo, há o mesmo dever do profissional. Porém, nas transmissões esportivas, esses três deveres foram separados, cada um em uma função. O locutor narra, o repórter informa e o comentarista opina.

Contudo, com o avanço tecnológico, a função passou por transformações. O comentarista que, até então era o dono absoluto da verdade para aqueles que não estavam vendo a partida, não estava mais sozinho. Hoje em dia, com as pessoas tendo mais acesso à informação, o profissional precisa se manter informado o tempo todo, lendo cada vez mais e estudando cada time para que seus comentários possam ser embasados por informações precisas, gerando ainda mais conteúdo para o comentarista. E esse tipo de preparação vem por meio desses pontos citados que são realizados no cotidiano jornalístico desses profissionais. O estudo do futebol diário é importante para que eles se mantenham ainda mais informados, e isso é feito durante toda uma vida como jornalista, durante a caminhada no dia a dia da profissão, na redação da rádio, às vezes dentro do estúdio, algumas vezes horas antes do jogo,

enfim, a própria rotina como a de qualquer outro jornalista é importante para que o comentarista forneça não somente opinião, mas para que também possa trazer conteúdo aos seus comentários.

Percebeu-se, depois das entrevistas e leituras, que, para tentar enriquecer a análise, o comentarista precisa saber lidar com os números, estatísticas e muita leitura, pontos vindos da contínua preparação do jornalista. A questão não é deixar de falar o óbvio, pois, algumas vezes, este é necessário para que, mesmo os mais leigos, possam acompanhar uma transmissão. É preciso que o comentarista fale, analise e explique o que está acontecendo, mas sempre se baseando em informações concretas.

Esse perfil atual de comentarista, mais conectado a tudo já ganhou espaço nas transmissões esportivas. O comentarista acumulou os deveres de informar e analisar simultaneamente, e já aparece como figura indispensável na realização de uma jornada.

Saber tudo de futebol e falar a língua da galera deixaram de ser os requisitos básicos para o profissional do comentário. Claro que essas características ainda são necessárias, assim como deixar de falar o óbvio e se manter estudando sempre, mas é preciso saber analisar dados, ter um acúmulo de informações sobre jogadores, times e competições.

Por sempre tecerem opiniões sobre equipes de futebol o comentarista costuma ser bem visto pelos torcedores, que, hoje em dia, não querem saber somente informações do jogo. Eles também querem e têm interesse em escutar opinião de uma pessoa estudada e capacitada para tal. Há uma demanda forte para opinião, por isso é possível verificar a criação de uma identidade dos profissionais com o ouvinte, que sempre marca presença na transmissão esportiva, nas redes sociais das emissoras e nos e-mails, expondo também a sua opinião.

Tendo em vista todos os pontos citados na pesquisa, com o passar dos anos, durante as transmissões esportivas, o comentarista passou a exercer uma função de extrema importância, pois a própria rotina do profissional o ajudou a construir e fomentar melhor a sua análise no decorrer da partida, sempre levando boa dose de informação aos ouvintes. Na verdade, aliando e levando aos ouvintes duas características essenciais: opinião e informação, dando ainda mais dinamicidade para a transmissão radiofônica esportiva.

7. BIBLIOGRAFIA

ARAÚJO, Flávio. **O Rádio, o futebol e a vida**. São Paulo: Senac, 2001.

BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Paulo Rodolfo de. **Manual de Radiojornalismo**. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

BARBOSA FILHO, André. **Gêneros radiofônicos: os formatos e os programas em áudio**. São Paulo: Paulinas, 2003.

BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo Opinativo**. Porto Alegre: Sulina, 1980.

BORGES, Luiz Henrique de Azevedo. **Do complexo de vira-latas ao homem genial: futebol e identidade no Brasil**. *Histórica*, São Paulo, v. 3, n. 24, ago. 2008.

CABELLO, A. R. G. **A expressão verbal na linguagem radiofônica**. In: Del Bianco, Moreira (Orgs.). *Rádio no Brasil: tendências e perspectivas*. Rio de Janeiro: UNB, 1999.

CAMPELO, Wanir. **Das ondas do rádio à tela da TV – o som e a imagem na cidade das alterosas (1900 – 1950)**. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Universidade São Marcos, 2001.

CARVALHO, André; MARTINS, Kao. *Habla, señor: Um homem chamado Januário*. Belo Horizonte: Armazém de Ideias, 1992.

CÉSAR, Cyro. **Rádio: inspiração, transpiração e emoção**. 2.ed. São Paulo: Ibrasa, 1996.

COELHO, Paulo Vinicius. **Jornalismo Esportivo**. São Paulo: Contexto, 2003.

DAMATTA, Roberto. **A bola corre mais que os homens**. Rio de Janeiro: Rocco, 2006. ed. São Paulo: EDUSC, 2003.

GUERRA, Márcio. **Você, ouvinte, é a nossa meta: A importância do rádio no imaginário do torcedor do futebol**. 1. ed. Rio de Janeiro: Etc Editora, 2002. 92 p

HOLANDA FERREIRA, Aurélio Buarque de. **Novo dicionário Aurélio**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

JUNG, Milton. **Jornalismo de Rádio**. São Paulo: Contexto, 2005.

MAINGUENEAU, D. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez, 2001.

MCLEISH, Robert. **Produção de rádio: um guia abrangente de produção radiofônica**. São Paulo: Summus, 2001.

MELO, José Marques de. **Jornalismo Opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro**. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

MENDES, Luiz. **7 mil horas de futebol**. 1. ed. Rio de Janeiro: Livraria Freitas Bastos Editora, 1999. 238 p.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. **A informação no Rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos**. 2ª Ed. São Paulo: Summus, 1985.

PRADO, Emilio. **Estrutura da informação radiofônica**. São Paulo: Summus. 1989.

PRATA, Nair. **A história do rádio em Minas Gerais**. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Belo Horizonte-MG, setembro de 2003. São Paulo: Intercom, 2003. Disponível em: < www.intercom.org.br >. Acesso em 15 de dezembro de 2013.

PRATA, Nair; SANTOS, Maria Claudia (org). **Enciclopédia do rádio esportivo mineiro**. Florianópolis: Insular, 2014.

PRATA, Nair. **Panorama do Rádio em Belo Horizonte** in: História da Mídia Sonora: Experiências, memórias e afetos de Norte a Sul do Brasil. EdiPUCRS. Organizadores Luciano Klöckner e Nair Prata <http://www.pucrs.br/edipucrs/midiasonora.pdf#page=52>. 2009.

RIBEIRO, André. **Os donos do espetáculo: histórias da imprensa esportiva do Brasil**. 1 ed. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007. 326 p.

SALOMÃO, Mozahir. **Jornalismo radiofônico e vinculação social**. São Paulo: Annablume, 2003.

SCHINNER, Carlos Fernando. **Manual dos locutores esportivos: como narrar futebol e outros esportes no rádio e na televisão**. São Paulo: Ed. Panda, 2004.

VENDITE, C. C.; VENDITE, L. L.; MORAES, A. C. de. **Scout no futebol: uma ferramenta para a imprensa esportiva**. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 28., Rio de Janeiro, 2005. Anais... Rio de Janeiro: Intercom, 2005.

WITTER, José Sebastião. **Breve história do futebol brasileiro**. São Paulo: FTD, 1996.

8. APÊNDICE

Apêndice 1 - Cadu Doné

1. O que você entende pela função de comentarista esportivo?

O comentarista é cada vez mais importante, porque dentro da paixão do torcedor e das pessoas que acompanham o futebol, há uma demanda muito grande pela opinião. O indivíduo não quer saber só se o jogador está machucado, quem está suspenso. Ele não quer saber só o boletim do clube. Ele quer saber também da opinião. E, obviamente a figura da opinião, no jornalismo esportivo, seja no impresso, na TV ou no rádio, é por meio do comentarista. É uma função que tem muito sua importância por causa disso, de ser a parte da opinião de um veículo. E hoje, o comentarista tem que estudar muito. Ele não pode dar uma opinião por achismo; ele tem que embasar aquilo. Então, eu enxergo a profissão como um trabalho de muita responsabilidade e um trabalho no qual a pessoa precisa se preparar muito. Tem que ver os jogos, tem que estar informado, tem que embasar a sua opinião. Antigamente não tinha pay-per-view, não tinha TV a cabo, os jogos raramente passavam na TV aberta, e a figura do comentarista de rádio não precisava ser tão precisa, porque pouca gente via o jogo. Então, a gente tem historicamente no rádio alguns comentaristas que eram folclóricos, falavam bem, tinham uma voz bonita, sabiam conquistar o público pela simpatia, mas não necessariamente sabiam ler o jogo de forma concreta, de forma real. E isso passava batido, pois não eram muitas pessoas que acompanhavam as partidas. Hoje, com rede social, com o fato de todos poderem ver os jogos, com internet, a pressão está maior, porque está todo mundo vendo. Por isso você tem que mostrar um preparo e um diferencial, e lógico, saber ler o jogo, haja vista que se você falar uma coisa muito absurda a cobrança virá na hora, ainda mais num esporte que mexe tanto com as pessoas, que é o futebol. Se você fala algo que não aconteceu com uma conotação negativa do time daquela pessoa, vai levar cornetada na hora. O nível de exigência aumentou pelo fato de todos terem acesso à informação, e cada vez mais os comentaristas precisam embasar mais o comentário. Por exemplo, se você fala que o time jogou mal, você precisa explicar para o ouvinte o porquê disso, quais jogadores não foram bem, como a equipe estava montada taticamente. Então, eu enxergo a profissão como importante, como parte da opinião da mídia em geral, que precisa cada vez mais estar abalizada em fatos e informações. O comentarista deve ser um analista tático do jogo e,

também, um fornecedor de informações que expliquem ou tentem explicar um pouco mais além daquilo que o torcedor está vendo em casa

2. Hoje, a presença de comentaristas em uma jornada esportiva é constante, principalmente no meio radiofônico. Você imagina atualmente uma transmissão sem um comentarista?

Eu não gostaria, porque quando eu fiz jornalismo sempre quis trabalhar com opinião. Eu gostava muito de esporte, de cultura e de política. Eu gosto mais de estudar, de analisar os fatos e de aprofundar, do que simplesmente narrar um texto mais seco. E isso é mais possível no jornalismo de opinião. Então, pessoalmente, eu não gostaria de imaginar uma transmissão sem comentarista. Sempre gostei mais da figura do comentarista. Claro eu admiro o narrador, o repórter, mas eu sempre preferia ouvir o comentarista falando. No âmbito geral, acredito que possa até ser possível sim, mas está longe de ser o ideal. Nos grandes veículos não acho possível, porque é uma função que já se estabeleceu e que veio para ficar. Há uma demanda para a opinião. As pessoas não querem apenas escutar o narrador descrevendo os lances e o repórter entrevistando, elas querem ter isso e a opinião. Então, como existe uma demanda grande por essa característica, acho praticamente impossível uma transmissão sem a figura do comentarista. E a prova disso é que por mais que tenhamos um milhão de jogos e de programas jornalísticos, temos programa só de opinião. Todos os canais na TV a cabo de esporte, na segunda-feira à noite, por exemplo, tem mesa redonda, que concorrem entre si: ESPN, Sportv, Fox Sports. Então, é a demanda pela opinião, os veículos colocam na programação porque sabem que há o interesse. A medida que o comentarista conquista o público, aquele profissional passa a ser preferência para o ouvinte. Todos continuam necessários, o narrador, o repórter, porque só opinião também não serve.

3. Como você caracteriza o comentário em rádio? É muito diferente da TV?

Há algumas semelhanças no sentido de que, principalmente na parte de comentário, que o que vale é a sua opinião e seu raciocínio, você vê o mesmo comentarista em veículos diferentes mantendo uma linha, uma coerência, um estilo próprio. Às vezes comenta mais da parte tática ou da parte emocional ou do rendimento de cada jogador. Então, algumas semelhanças existem, sim. Mas há muitas diferenças entre os veículos, principalmente na transmissão ao vivo dos jogos, porque quando estamos no rádio falamos para uma pessoa que pode não estar vendo a partida. Hoje em dia, como a Itatiaia é muito forte, a pessoa vê

na TV e também liga no rádio. Mas a maior diferença que existe é no narrador. Quando ouvimos um jogo pelo rádio é completamente diferente quando acompanhamos pela TV. O narrador da televisão, como o telespectador está vendo, ele não precisa ficar falando o tempo todo, é uma transmissão mais conversada, é muitas vezes um bate-papo entre o narrador, o comentarista e o repórter. No meio radiofônico, além da questão da emoção, que é uma marca do rádio, o narrador tem uma obrigação de narrar de uma forma emocionante, ele está falando para pessoas que (muitas vezes) não estão vendo. A Itatiaia, por exemplo, tem o seu jeito próprio de transmitir os jogos. Os comentaristas falam menos vezes por períodos mais longos. Na TV, falamos mais vezes por períodos mais curtos. No rádio, como o narrador precisa falar o tempo todo o que está acontecendo, o comentarista não pode ficar falando demais durante a partida. Aí, no intervalo e ao final do jogo, nós fazemos uma síntese do que aconteceu, é quando o comentarista dá a sua opinião com mais ênfase. Na televisão, como a pessoa está vendo, o telespectador está percebendo que não está acontecendo nada em campo, por exemplo. Então, ele vê que a bola está longe do gol, que está parada, e nesse momento as pessoas conversam durante a transmissão. No rádio, como tem que ter alguém falando sempre o que está acontecendo, mesmo quando a bola está longe do gol, ele precisa falar quem está no domínio da bola, porque o narrador está narrando pra quem não está vendo, logo não se pode interromper demais. E com o passar do tempo as tecnologias exigiram mais conhecimento técnico do comentarista. Sem ele, o torcedor facilmente está mais bem informado que quem teoricamente é mais especializado. Além disso, ao mesmo tempo, essas novas tecnologias tornaram muito mais fácil o acesso à informação. Hoje é impossível você não conseguir informação sobre um determinado atleta ou time

4. Como foi seu ingresso na função de comentarista? Há quantos anos trabalha nesse meio? Por quantas rádios passou e qual a diferença da Itatiaia para as outras?

Durante a faculdade fiz estágio normal, assim como a maioria das pessoas, em locais diferentes, e até não fiz nenhum estágio ligado completamente ao esporte. Trabalhei em assessoria, na TV Bandeirantes, e outros. Quando eu formei na FUMEC, no final de 2009, estava escrevendo meu livro e trabalhando na área de assessoria. Depois que eu acabei o livro, eu dei para algumas pessoas e caiu na mão de uma pessoa da rádio 98 FM. Eu encontrei com ele para apresentar algumas ideias de programas para a rádio, mas depois disso não nos vimos mais. Nesse tempo eu comecei a trabalhar no Portal Uai, na editoria de política, como redator. Passou um tempo e essa pessoa da rádio 98 entrou em contato

comigo e me convidou para trabalhar na rádio, já me ligou para me apresentar as ideias dos programas. Gostei muito e resolvi aceitar a proposta dele. Seria uma oportunidade mais criativa e menos burocrática, e eu gosto demais dessa parte mais criativa. Comecei a gravar os programas, mas sempre sobre política. Até que um dia comecei a comentar sobre esporte também. Aí que tudo começou. Foi tomando uma proporção enorme, as pessoas ouviam e ligavam pra rádio para darem opinião. Foi aí que recebi o convite da Itatiaia. Fui pra Itatiaia, e lá ganhei muito mais visibilidade, porque é uma rádio diferente das demais, é forte em jornalismo e esporte, por isso tem tanta tradição em Minas. Dei a ideia de fazermos um blog dentro do site da emissora, e isso rendeu muitos frutos. Está sendo um sucesso até hoje porque as pessoas gostam da plataforma. Depois, tendo visto o blog, o editor do Hoje em Dia me chamou para ter coluna no jornal. E, meses depois, recebi convite para ir pra TV, pra BAND Minas.

5. O que mudou na função do comentarista ao longo dos anos?

A função do comentarista mudou muito no decorrer dos anos. Um fator que foi muito importante para a mudança foi o surgimento da TV a cabo, de canais exclusivos de esportes, mudou muito o tipo de comentário. A TV a cabo começou a crescer inicialmente para um público classe A e B, não era qualquer pessoa que tinha em casa, então era um comentário mais técnico, mais qualificado intelectualmente. Antigamente os comentários esportivos eram muito populistas. Então, mudou demais o comentário ao longo dos anos por dois motivos: um por causa da TV a cabo e porque surgiram pessoas mais especializadas, que estudam mesmo o futebol. Antes, o esporte não era levado tão a sério assim em termos de estudos, e dentro das redações era visto como a editoria como o menos importante. E com o surgimento da TV a cabo, nasceram também ótimos comentaristas, com mais especialização no futebol. O segundo motivo seria o acesso a informação muito fácil. Hoje em dia qualquer pessoa fica sabendo o que está acontecendo no mundo, então ela já vai escutar o nosso comentário ciente do acontecido. Atualmente, todos têm acesso à televisão, todos veem os jogos, logo, isso acaba que influenciou a mudança dos comentários ao longo dos anos.

6. Sabemos que futebol é um esporte que mexe diretamente no lado emocional das pessoas. Como você constrói o comentário a partir disso?

É diferente comentar partidas de futebol justamente por causa disso. É um esporte que mexe com a emoção das pessoas. Então, a tensão é bem maior, tem muita cobrança. No

sentido pessoal, eu não tenho dificuldades em comentar jogos do meu time de coração. Consigo separar muito bem as coisas e comentar de forma imparcial todos os jogos. As vezes acontece de nós, comentaristas, pensarmos duas vezes antes de fazer algum comentário por causa da paixão do torcedor. Lógico que não vou mudar a minha opinião por conta disso, mas a gente acaba tomando certos cuidados. É até importante tocar nesse assunto porque o futebol é ainda pouco estudado no meio acadêmico em geral. O esporte tem várias ligações no âmbito da sociologia porque é um fenômeno social muito importante no país. Então acho que tinha que ser mais estudado. Mas é sim uma paixão muito grande dos torcedores. Eu mesmo conheço vários colegas de profissão que poupam seus comentários com medo da reação de alguns torcedores. Muitos já foram ameaçados, xingados, então hoje em dia existem profissionais que acabam não falando tudo o que queriam. Então, como lidamos com esse esporte tão querido pela maioria, é muito comum recebermos reações desse tipo. Em meus comentários procuro buscar sempre a verdade. Tento dar consistência em meus comentários com base em argumentação sólida, porque hoje em dia existem profissionais que simplesmente falam o óbvio, e isso não é legal. Eu construo o meu comentário muito em cima da parte tática, de mostrar o que está acontecendo dentro do esquema adotado por aquele treinador para que o ouvinte possa, ao final de tudo, aprender com o comentarista, e entender as estratégias que levaram tal time a vencer a partida ou não.

7. Por ser uma rádio que lida muito com jornalismo e esporte, como é a rotina do seu trabalho na Itatiaia? Como você estuda os times para comentar as partidas?

Uma característica que é fundamental para um comentarista é assistir aos jogos completos de futebol. Não adianta só ver os melhores momentos ou ler o que aconteceu no jogo; você tem que ver o time em campo, porque o comentarista precisa entender o que aconteceu na partida, o rendimento dos jogadores, enfim, precisa saber de cada detalhe. Então, por exemplo, se eu trabalho num jogo do Cruzeiro no sábado, e no domingo o Atlético joga, é num horário péssimo e é minha folga, eu vejo o jogo completo depois. Arrumo uma maneira de gravar e faço questão de ver a partida completa. Quem trabalha aqui em Minas precisa ver todos os jogos de Cruzeiro e Atlético, sempre; porque a preparação para mim precisa ser constante; não é somente preparar para um jogo específico. Você nota a diferença. Estar constantemente informado e acompanhar as partidas sempre são os diferenciais da preparação de um bom comentarista. Para completar, antes do jogo, procurar ler jornal principalmente com notícias relacionadas aos

times que vão jogar, e procurar acompanhar os treinos das equipes, porque os profissionais acabam te respeitando ainda mais, e a gente sempre descobre alguma informação nova. É melhor fazer a preparação constante para os jogos do que somente a preparação antes das partidas. A pesquisa antes do jogo é mais para completar mesmo, por exemplo, buscar informações de quem está machucado, de quem está suspenso, estatísticas, etc.

8. Como você prepara os seus argumentos? Com base no jogo e em que mais?

Meus argumentos são elaborados a partir da minha preparação constante, vendo as partidas completas e com frequência, querendo saber das equipes, porque isso acaba que agrega conteúdo para mim mesmo. Essa preparação é muito importante e sendo feita dessa maneira, as pessoas notam a diferença de quem realmente entende de futebol, chega com números, aponta o esquema tático, e de quem simplesmente enrola sobre o esporte. É sempre bom estar antenado em tudo e atento a qualquer tipo de informação.

9. Como é a sua relação com os jornalistas e os narradores?

Tenho uma relação muito tranquila com todos os meus colegas de profissão. Isso foge um pouco do futebol, e entra mais para o temperamento da pessoa. Eu tenho uma característica de detestar brigas. Eu não acho ruim se alguém discordar de mim, pelo contrário, acho que é aí que se rende uma conversa, um bate-papo até mesmo ao vivo durante os programas.

10. Por que existem críticas que dizem que o comentarista fala obviedades? Elas procedem?

Acredito que ainda existam comentaristas que falem só o óbvio, mas não são todos. As vezes os que não têm essa característica recebem essas críticas, então, é muito subjetivo. Quando me acusam disso por e-mail ou mensagem, eu costumo responder de forma educada, mostrando porque eu não falo o óbvio. Acho que a nossa profissão é alvo de críticas o tempo todo, e temos que saber aceitar algumas. Faz bem até para o nosso crescimento mesmo. Não tenho redes sociais, mas tenho o blog (no site da Rádio Itatiaia), e lá eu recebo muitas mensagens dos leitores, positivas e negativas também. Mas de vez em quando nós temos que falar o óbvio, mas temos que sempre mostrar conteúdo ao longo dos comentários. Ela não permite que você tenha o que é o grande diferencial em relação a

quem está em casa, que é a visão espacial do jogo. Quando você está no campo, consegue entender e perceber variações táticas, algo que é fundamental no comentário.

11. Qual o papel do comentarista na vitória e na derrota?

O jornalista precisa apurar, buscar fatos, observar a realidade, o ambiente, o que acontece em campo e nos bastidores do futebol. A partir daí, é preciso ter sensibilidade, *feeling*, para saber apreciar, avaliar, apreender o que se passa. Com o que foi apurado, com o que foi observado, o profissional constrói sua opinião baseando-se em argumentos, no seu julgamento, no seu sentimento, enfim, nesses elementos citados anteriormente. Isso vale para derrota, vitória não muda. É preciso tentar fazer a melhor leitura possível da realidade e transmiti-la para o público, independentemente de se tratar de vitória ou derrota.

12. As plataformas como redes sociais (no caso, o seu blog) influenciam em seus comentários? Como você lida com o retorno dos ouvintes?

Olha, é preciso saber filtrar o que se vê em redes sociais. Infelizmente, no mundo do futebol, o que mais se vê são análises ancoradas na paixão, na cegueira, na falta de sensatez, bom senso. O nível intelectual das análises futebolísticas nas redes sociais é muito baixo, em geral. E jornalistas que dizem o contrário, muitas vezes, o fazem por caírem no politicamente correto, por tentarem passar uma falsa sensação de humildade. É óbvio, porém, que todo profissional deve, em alguma medida, estar atento ao retorno das pessoas. É preciso, sim, ter humildade para avaliar se alguma crítica é construtiva. Lido bem com o retorno dos ouvintes. Quanto às críticas infundadas, movidas pela paixão e pelo despreparo do sujeito, é preciso relevar, deixar de lado. Quando a crítica é construtiva, é preciso ter humildade para aprender, para melhorar. Independentemente do teor das mensagens, tento responder a todos dentro do possível. E, sempre, mesmo quando sou agredido verbalmente, com educação. Afinal, entrar na discussão “brigando”, só pioraria a situação. A serenidade nessas horas sempre faz bem.

13. E dentro da rádio Itatiaia, como é a sua liberdade de trabalho? Afinal, o comentarista expõe uma opinião pessoal ou editorial.

Na rádio não há orientação para que se siga a “opinião da empresa”. Não existe isso. Quando falo disso, as pessoas muitas vezes acham que é “papo furado”. Porém, felizmente, é a mais pura verdade: nunca fui censurado pelo meu chefe, nunca fui orientado a apresentar determinada opinião. Nunca, sequer indiretamente, tentaram, nas entrelinhas,

me levar a dizer algo. Por enquanto, sempre tive liberdade total. Portanto, posso dizer: em todos os lugares onde trabalho – rádio, TV, jornal e internet – sempre apresentei uma opinião pessoal. Nunca sequer conheci o que seria a “opinião editorial” em determinado assunto, já que os veículos onde trabalho deixam os profissionais apresentarem suas visões pessoais, muitas vezes, inclusive, divergentes entre si. Na rádio e na TV, onde faço programas de debate, a discordância é muito comum e, frequentemente, salutar, louvável. Afinal, é uma parte interessantíssima, fundamental da democracia: a liberdade de opinar. Assim, concluímos: numa mesma empresa, costumeiramente, há várias opiniões, e nenhuma é tida como verdade absoluta, como versão oficial da casa. Pelo menos deixo claro nas empresas onde trabalho.

Apêndice 2 – Marcos Guiotti

1. O que você entende pela função de comentarista esportivo?

A função do comentarista esportivo no rádio é de ajudar o ouvinte a entender o que está acontecendo no jogo. Apesar de o rádio ser só áudio, nós precisamos construir a imagem na cabeça do ouvinte. O ouvinte já sabe o que é um estádio cheio, uma torcida gritando, qual a dimensão do campo, isso já está no inconsciente coletivo, mas a gente tenta fazer com que o ouvinte entenda em detalhes o que está se passando. O comentarista precisa mostrar o que acontece, porque o time está jogando mal, porque aquele jogador não entrou bem na partida, o que pode acontecer no jogo com o rumo que está tomando, etc. No rádio é tanta emoção que o torcedor não sabe se o time dele está mesmo bem ou não, por isso que tentamos passar para o ouvinte o que de fato está acontecendo em campo. Então, a função do comentarista esportivo é justamente essa: de ajudar o torcedor a entender o que se passa dentro das quatro linhas. Comentar é fácil e difícil ao mesmo tempo. Fácil porque a posição do comentarista é muito cômoda. Ele antes e durante o jogo faz um monte de ‘achismos’ e suposições. Se acerta, é gênio, é bom, sabe tudo etc. Se erra, arranja sempre uma desculpa para justificar. O bom é que não corre o risco de perder o emprego como ocorre com a maioria dos treinadores que escala e mexe mal nos times. É difícil porque cada veículo de comunicação tem o seu perfil de público. Um dos segredos é saber se comunicar de acordo com esse público. Já vi muita gente perder o emprego ou não agradar ao torcedor porque não conseguia falar a linguagem certa daquele receptor

2. Hoje, a presença de comentaristas em uma jornada esportiva é constante, principalmente no meio radiofônico. Você imagina atualmente uma transmissão sem um comentarista?

É até possível, mas não o desejado. Antigamente, no rádio, o comentarista falava muito pouco. Falava em média três vezes no primeiro tempo e três vezes no segundo, até porque nas transmissões eram muitos repórteres. Hoje em dia as emissoras, por contenção de custos, acabaram com equipes grandes nas jornadas esportivas. Hoje temos aí nas principais três ou quatro profissões para fazer uma transmissão. Mas o ideal seria o narrador, o comentarista, dois repórteres de campo e um de estúdio. Se tirar o comentarista acho que perde muito em conteúdo. A participação desse profissional é muito mais importante antes do jogo, no intervalo e depois do jogo. É

preciso ter pessoas comentando, debatendo, dando opiniões até para o ouvinte poder entender melhor o que se passa com o time, com tal jogador.

3. Como você caracteriza o comentário em rádio?

O comentário precisa ter sentido, precisa ter começo, meio e fim. Precisamos ter uma conclusão lógica para tudo aquilo que apresentamos. Nós, dessa profissão, precisamos ter um ‘leque’ de opções no passado, precisamos saber histórias do futebol até para contextualizar e embasar o nosso comentário. Quando falamos, por exemplo, o Ronaldinho Gaúcho está mal. Mas espera aí, está mal hoje, mas e há dez anos? E como ele é um jogador muito conhecido, não precisamos ir muito longe para lembrar que ele já jogou no Barcelona, foi o melhor do mundo, isso todos já sabem. Mas quando aparece um jogador que ninguém sabe quem é, a gente precisa ter o conhecimento, saber da origem, idade, qual posição joga, é mais habilidoso com qual perna... até para que a pessoa entenda quem é esse novo talento no Brasil, por exemplo. O tempo todo nós precisamos mesclar um pouco de história e um pouco de conhecimento atual para embasar o comentário no rádio. Tudo isso agrega no comentário. E no rádio é muito bacana que nós usamos uma linguagem simples e direta para chegar ao entendimento rápido do ouvinte. O rádio te permite errar, consertar, não precisamos ter uma postura igual temos que ter na televisão. Então o rádio é mais eclético no âmbito esportivo.

4. Como foi seu ingresso na função de comentarista? Há quantos anos trabalha nesse meio? Por quantas rádios passou e qual a diferença da Rádio Globo para as outras?

Eu formei em Jornalismo no ano de 1986, e já estava trabalhando na rede Globo, porque tinha me formado em Economia antes e já estava nas organizações Globo, mas na parte técnica. Em 86 eu me formei mesmo em Jornalismo, e a partir daí é que comecei a trabalhar com o que eu queria. Trabalhei em vários lugares ao longo da carreira, na TV Globo, na TV Manchete, e ajudei a fundar a Rádio CBN/Globo aqui em Belo Horizonte nos anos 90, e trabalhava como repórter. Aí, depois eu virei chefe de reportagem e agora coordenador de Jornalismo. E como sempre gostei de esportes, eu construí uma equipe de jornalismo esportivo na rádio, e deu muito certo. Foi aí que eu comecei a comentar os jogos, e acabei sendo chamado para o Sportv, e passei seis anos no canal. Hoje em dia sou o coordenador de Jornalismo aqui da Rádio

Globo/CBN. Acredito que a grande diferença da Rádio Globo para as demais é por ser uma emissora muito informativa. Aqui nós também só aceitamos profissionais com diploma de Jornalista. Nós temos um código de ética muito rígido e que é seguido, ética em todos os sentidos. O jornalista não pode falar mal ninguém ao vivo, não pode falar besteiras e palavrões, não podemos aceitar brindes de dirigentes de futebol, não podemos aceitar camisas de jogadores, então nosso código é levado muito a sério. Sempre trabalhamos eticamente, fazendo mesmo jornalismo, ouvindo os dois lados, não entramos em polêmica em redes sociais. Então, é uma emissora bem compromissada com o ouvinte.

5. Você também como coordenador de jornalismo da rádio leva mais informação do que propriamente opinião à transmissão esportiva ou não necessariamente?

O comentário acaba sendo uma junção de informação e opinião. O ouvinte também não quer somente informação, ele quer alguém que dê opinião sobre o seu time, sobre determinado jogador. Os repórteres aqui da rádio vão para os clubes todos os dias para tentar conseguir alguma informação nova. Isso é importante porque acaba sendo um diferencial na hora de comentar. Nós temos que ser claros na hora de comentar. Não podemos ficar indo e voltando com nossos argumentos. Temos que ser sempre coerentes, com começo, meio e fim. E para embasar os nossos comentários, é preciso ter informação e organização para passar para o ouvinte, mesclando com os nossos argumentos.

6. O que mudou na função do comentarista ao longo dos anos?

O comentário esportivo surgiu numa época mais simples. Alguns narravam e comentavam simultaneamente. Na verdade, muitos naquela época tinham condições para isso, eram homens de facilidade de improviso muito grande, e conheciam todos os assuntos, não só futebol. Conheciam um pouco de tudo. Um excelente exemplo que posso dar é locutor Gagliano Neto, homem de fibra, que foi um dos grandes precursores dos comentários esportivos do Brasil. Eu não era nascido nessa época, mas como sempre gostei muito de futebol, eu procurava saber de tudo, principalmente sobre essa profissão de comentarista. E de fato, as transmissões do passado não tinham comentaristas, eles colocavam músicas no intervalo, músicas de sucesso, só isso. E foi por causa de um problema técnico que tudo começou, isso na década de 30. Num jogo do campeonato Sul-Americano, Neto passou para o estúdio para que o estúdio pudesse

tocar os discos que eles quisessem e não voltou mais para ele, porque deu confusão, negócio de linha. Naquele tempo era muito complicado isso tudo. E ele precisava prender a linha para que não voltasse a acontecer um fato daquele. E tinha um jornalista do Sul que estava cobrindo para o jornal local, o nome dele era Ary Lund. Aí, como o Ary estava em Buenos Aires, o Gagliano teve a ideia de usar o jornalista para comentar, pois não tinha ninguém com Gagliano lá no estúdio. Foi lá e colocou Ary no intervalo do jogo e pediu a opinião dele sobre a partida. Foi aí que Gagliano teve a ideia de ir fazendo isso sempre, porque tinha dado muito certo. O comentarista era muito quadrado, vamos dizer assim, o comentarista no intervalo e no fim contava a história do jogo, dando minutos, dando tudo. Era muito fixado no andamento do jogo e tinha um linguajar que eu considero pesado: ‘aos trinta minutos do primeiro tempo, fulano pegou a bola, deu três dribles em beltrano, sicrano e fulano e foi em frente, entrou na área e na hora de chutar, caiu. Foi lamentável ver’. Era nesse tom. Mas um dia chegou um sujeito chamado João Saldanha na crônica esportiva e começou a fazer um comentário totalmente diferente. O comentário dele era conversado: ‘olha, se o time do Flamengo continuar aberto do lado esquerdo, vai cair do cavalo’, ou então: ‘se continuar esse zagueiro, furando da maneira como está, a vaca vai pro brejo’. Esses termos, por mais populares, em tom conversado, entendeu? E aí mudou muito o caminho do comentarista, porque passou a ser mais, digamos, mais coloquial, o comentarista deixou de ser quadrado, o que era da época, o cara não fazia isso porque queria, não era o único que fazia, todos faziam.

E antigamente o futebol era difícil, porque as camisas não tinham número para podermos identificar os jogadores, não existia cartão amarelo, não tinha direito de imagem, então, o esporte foi evoluindo juntamente com os meios de comunicação. Os comentários eram mais sobre o momento da partida, pois era difícil buscar registros de quem ganhou tal campeonato, em que ano foi. Hoje em dia é possível pesquisar, por exemplo, quem ganhou a competição de tal ano. E como as pessoas agora conseguem ter mais acesso aos meios como internet, televisão, as coisas precisam ser mais claras e objetivas. Se eu comentar que algum jogador está mal sem motivo algum para criticar, sendo que na verdade ele está se recuperando de lesão, o ouvinte vai achar estranho porque ele com certeza vai saber depois do jogo, vai pesquisar e querer saber a respeito. Hoje, todos têm a mesma informação que nós, às vezes, até mais. A tendência, com o passar dos anos, é usar muito mais os comentaristas, com mais inserções ao longo das jornadas esportivas. O rádio tenta passar a imagem do jogo

para as pessoas, a tendência é que a figura do comentarista seja mais atuante cada vez mais.

7. Sabemos que futebol é um esporte que mexe diretamente com o lado emocional das pessoas. Como você constrói o comentário a partir disso?

Consigo separar muito bem os dois lados, emoção e razão. Eu amo o futebol, primeiramente. Não um clube, um time. Eu não me altero com nenhum resultado. Se eu estou programado para sair para jantar e na mesma noite meu time perdeu, eu saio normalmente, porque não me afeta em nada. Todos os comentaristas de futebol têm o seu time de coração. Alguns revelam, outros, não. Sou muito mais razão para as coisas. Acho que nunca deslizei, sempre tive a minha opção, e nada influenciou na minha carreira. Sou profissional acima de tudo. Não quero ser melhor ou pior que ninguém, eu quero apenas fazer o meu trabalho da melhor maneira possível sempre. O futebol e o jornalismo são muito dinâmicos, logo precisamos estar antenados em tudo que acontece o tempo todo. Eu me preparo para as partidas vendo todos os jogos possíveis das equipes de Minas, principalmente de Cruzeiro e Atlético. Isso é essencial. Nós precisamos estar atentos às notícias dos dois times para poder levar conteúdo para os jogos. Há colegas que levam revistas, livros, etc., para serem utilizados como subsídio para os seus comentários. Ou seja: a era dos comentaristas demasiadamente subjetivos e emocionais está com seus dias contados.

8. Como é a rotina do seu trabalho na Rádio Globo? Como você estuda os times para comentar as partidas e como você prepara os seus argumentos?

Na rádio Globo eu comando o esporte e o jornalismo. Eu preparo tudo para os repórteres, faço escala do pessoal, verifico quais jogos vamos transmitir, se tiver que cobrir algum jogo fora de Minas Gerais, eu organizo a compra das passagens para os profissionais, ajudo no conteúdo dos programas que temos aqui, enfim, estou o tempo todo com eles, pois é um trabalho de busca de informação constante. Por isso que os repórteres vão cobrir treinos quase que diariamente na Toca da Raposa, na Cidade do Galo, e no CT Lanna Drommond. Isso porque temos duas rádios para colocar a programação de esportes, a Globo e a CBN, pois elas se unem aqui em Minas quando o assunto é esporte. O futebol e o jornalismo são muito dinâmicos, logo precisamos estar antenados em tudo que acontece o tempo todo. Eu me preparo para as partidas vendo todos os jogos possíveis das equipes de Minas, principalmente de Cruzeiro e

Atlético. Isso é essencial. Nós precisamos estar atentos às notícias dos dois times para poder levar conteúdo para os jogos. O comentário acaba sendo um misto de informação e opinião. É preciso ter informação também, porque precisamos ter conteúdo. O ouvinte também não quer somente informação, ele quer alguém que dê opinião sobre o seu time, sobre determinado jogador. Os repórteres aqui da rádio vão para os clubes todos os dias para tentar conseguir alguma informação nova. Isso é importante porque acaba sendo um diferencial na hora de comentar. Nós temos que ser claros na hora de comentar. Não podemos ficar indo e voltando com nossos argumentos. Temos que ser sempre coerentes, com começo, meio e fim. E para embasar os nossos comentários, é preciso ter informação e organização para passar para o ouvinte, mesclando com os nossos argumentos.

9. Isso você faz no dia do jogo ou a preparação é demorada?

Como eu já estou no meio futebolístico há muitos anos, essa preparação já faz parte da minha rotina, acompanho futebol desde novo. Procuro levantar todas as informações possíveis sobre determinado time que vai jogar contra Atlético ou Cruzeiro, para embasar ainda mais a minha opinião. Costumo fazer minhas anotações no dia mesmo do jogo, mas isso depende muito. Tem dias que são mais corridos, aí faço no anterior. Então, depende. Mas gosto de ter anotado quem vai jogar, quem não vai, qual jogador está suspenso, qual está lesionado, isso nos ajuda muito na hora da transmissão.

10. Qual a sua relação com os jornalistas e os narradores?

É uma relação boa, tanto com o pessoal aqui da rádio, quanto de outras. Me dou bem com eles, e sempre converso com jornalistas e narradores nos estádios de futebol. Mas não sou de sair, de frequentar casa, não sou muito de ficar saindo, é uma característica minha. Tenho uma amizade muito grande o Mário Henrique Caixa, da Itatiaia, somos amigos desde criança mesmo, tenho um carinho grande por ele, conversamos bastante, principalmente quando nos esbarramos nos estádios.

11. Por que existem críticas que dizem que o comentarista fala obviedades? Elas procedem?

Olha, hoje em dia é até possível encontrar comentaristas que falam somente o óbvio. Lógico que às vezes nós precisamos também falar obviedades, mas não o tempo todo. Faz parte do próprio perfil do comentarista. Mas acho que não falo muito o óbvio não,

porque estudo muito as equipes e procuro sempre dar conteúdo ao meu comentário, e como eu faço isso? Por meio daquela preparação constante que eu te disse. Nós, desse meio, estamos o tempo todo recebendo informações, estamos o tempo todo entrevistando jogadores, estamos acompanhando outros jogos, então logicamente vamos adquirindo uma carga grande de conteúdo para embasar ainda mais nossos comentários. Se não temos essa argumentação bem apresentada para os ouvintes, vamos acabar caindo no óbvio. Isso é o que acontece com alguns comentaristas que recebem essas críticas.

12. Qual o papel do comentarista na vitória e na derrota?

É muito bacana, porque o título é o momento máximo das equipes. Todo time sonha com isso. Então para nós comentaristas é especial demais, principalmente quando tem duas equipes mineiras envolvidas. Eu quero que os títulos fiquem aqui no estado, quero que sempre tenhamos ou Cruzeiro ou Atlético em finais de campeonatos, isso é um desejo meu. Ano passado isso pôde ser concretizado, porque o Atlético foi campeão da Libertadores e o Cruzeiro foi o campeão Brasileiro, foi muito legal. Atualmente, os dois melhores times do Brasil estão em Minas. O nosso papel é justamente esse, quando a equipe perde um título importante não podemos jogar pedras, ficar procurando o culpado, e, sim, devemos enaltecer um trabalho que foi feito ao longo dos meses pelo time, pelo técnico, porque futebol não se ganha o tempo todo. E assim é também na vitória, na conquista de um título. Não será o melhor do mundo porque venceu uma competição, então, devemos ser equilibrados. Ganhando ou perdendo uso o mesmo timbre de voz.

13. As plataformas como redes sociais influenciam em seus comentários? Como você lida com o retorno dos ouvintes?

Eu respeito todo mundo. Respeito muito as pessoas. Tenho as redes sociais, mas também não fico escravo delas. Utilizo-as de forma mais sensata, buscando levar informações e opiniões aos meus ouvintes. Costumo responder o que me perguntam pelo Facebook e pelo Twitter sempre da melhor forma possível. O sujeito que está vendo o jogo tem seu próprio comentário, ora bolas! O comentarista pode até contrariar o que o telespectador está pensando a respeito do andamento de um jogo. Pode o telespectador achar que o Neto Berola está jogando uma barbaridade e o comentarista chegar e “olha, hoje está muito mal esse jogador”, como eu tenho visto

aí. Eu assisto muito jogo pela televisão e vejo, às vezes, os comentaristas descascando um jogador que está jogando bem. Inventando que o cara tá fugindo das dívidas, tirando o pé dos lances. Uma série de coisas que a gente vê e que ninguém está vendo. Eu, por exemplo, não abro mão de comentar os jogos com a participação do ouvinte. Através do e-mail, ele manda a mensagem e a gente ‘discute’ o jogo junto.

14. E dentro da rádio, como é a sua liberdade de trabalho? Afinal, o comentarista expõe uma opinião pessoal ou editorial?

Tenho total liberdade aqui na rádio. Em nossos programas esportivos sempre falamos o que quisermos. Claro que não podemos falar mal de ninguém, de nenhum jogador ou técnico, por exemplo. Temos que ter bom senso também para comentar. Eu, como não sou desse perfil mesmo, é muito tranquilo porque temos uma liberdade muito grande. Dentro do perfil de um jornalista, de um profissional, eu posso falar o que eu quiser.

Apêndice 3 - Lélío Gustavo

1. O que você entende pela função de comentarista esportivo?

Partindo do princípio que esse profissional comenta uma partida de futebol, ele certamente é apaixonado por algum clube. Então, diria que o primeiro mandamento de um comentarista esportivo é que ele tem que ser isento. Tem que deixar de lado a sua paixão para comentar um jogo de futebol. Então tem que saber se comportar como um profissional que exerce uma função importante dentro de uma transmissão, uma função de relatar de maneira mais simples possível o que se passa em uma determinada partida. Claro, que às vezes cometemos alguns excessos, eu que o diga. Mas eu acho que se temos credibilidade junto ao torcedor é o que mais interessa. E eu primo muito por isso, de ser uma pessoa isenta. É uma profissão gratificante, mas é alvo de críticas o tempo todo. Temos que saber lidar com isso também. Temos que ter às vezes cuidado com o que falamos. Por isso que não sou de ter amizades com jogadores de futebol, temos que estar livres para criticar e elogiar. Eu tive um problema recentemente, que não era comigo, mas eu comprei briga, porque eu conheço a pessoa que acabou sendo ofendida, no caso o Bob Faria, pelo jogador do Atlético, Neto Berola, e não me arrependo de nada. Eu conheço muito bem o jornalista em questão e sei que ele não agiu de má fé, acabei entrando na discussão. Mas pelo menos eu cumpri o meu papel de cronista esportivo.

2. Hoje, a presença de comentaristas em uma jornada esportiva é constante, principalmente no meio radiofônico. Você imagina atualmente uma transmissão sem um comentarista?

Eu acho muito difícil. Até com aquele tipo que comentarista que é mais parcial, como o Neto, por exemplo, da TV Band, defendendo intensamente o Corinthians, mesmo assim eu não imagino. Mas hoje em dia tem muitas pessoas boas, que acrescentam numa transmissão esportiva, que levam conteúdo, que levam informação aos ouvintes, e isso é o que importa. Esse é o papel do comentarista. Uma jornada sem um profissional desse tipo empobrece demais a transmissão. Hoje não adianta somente emitir opinião, temos que agregar valor para o que estamos falando, temos que levar dados, estatísticas, analisar em qual esquema tático a equipe está jogando. Enfim, o comentarista é a chave para o desenrolar de uma boa transmissão radiofônica.

3. Como você caracteriza o comentário em rádio?

No rádio nós falamos menos vezes, com o tempo determinado. Agora o comentarista tem mais vezes de inserções durante uma partida do que antigamente. Geralmente aos 15 minutos do primeiro tempo, no intervalo, aos 15 minutos do segundo tempo e no final do jogo o comentarista aparece dando a sua opinião sobre o andamento da partida. Como eu gosto muito de falar, eu sempre acabo falando demais, mas costuma ser assim mesmo.

4. Com seus comentários mais objetivos, você acha que seu perfil é mais parecido com a 98?

Sim. Confesso que estou me adaptando muito bem a 98. Como sou uma pessoa bem direta, que vai logo ao ponto que quer chegar, acabo que consigo me adaptar mais facilmente. O mais importante nessa nossa profissão é ser objetivo, principalmente no rádio. Se ficar enrolando para falar, dizendo palavras difíceis, acaba que confunde a cabeça do ouvinte. E isso não é legal. O comentarista de rádio precisa ser claro em suas palavras, precisa ser direto e sincero com o seu público. O ouvinte não quer saber se o meio de campo está fazendo isso, está segurando a bola, como eu vejo muito comentarista fazer. Tem que dizer: “o meio de campo não está jogando bem”. Simplesmente isso.

5. O que mudou na função do comentarista ao longo dos anos?

Antes o comentarista de futebol era uma figura mais folclórica. Tinha toda uma história por trás dos jogos. Isso porque antigamente as pessoas não tinham televisão em casa, não tinham acesso à informação rápida, não tinham internet. Então, muitas vezes o narrador e o comentarista acabavam que aumentando muito os lances do jogo, mesmo sem ter acontecido nada que se destacasse assim. Hoje em dia, com todo esse aparato tecnológico já existente, as pessoas ficam sabendo de tudo na mesma hora que nós ou até antes. Acho que a função sempre foi muito importante, mas acredito que ela é ainda mais importante atualmente. As pessoas têm a necessidade de saber, de entender, de ouvir a nossa opinião.

6. Sabemos que futebol é um esporte que mexe diretamente com o lado emocional das pessoas. Como você constrói o comentário a partir disso?

A paixão por determinado time está completamente inerente à minha vida. Devemos ser isentos o tempo todo perto dos microfones da rádio. Faz parte. É necessário perceber que o futebol é importante na vida de muitas pessoas, por isso mexe tanto com o nosso emocional. Não existe nenhum filho de chocadeira. Tomos nós sentimos algo pelo nosso time de coração. Mas devemos saber separar muito bem as coisas. Sempre.

7. Como foi seu ingresso na função de comentarista? Há quantos anos trabalha nesse meio? Por quantas rádios passou e qual a diferença da 98 FM para as outras?

Acabei não me formando em Jornalismo, mas sempre fui muito ativo na área esportiva. Minha paixão era e é o futebol e me dediquei muito a isso durante toda a minha vida. Comecei fazendo rádio escuta, onde abastecemos outra pessoa com informações na hora do plantão do jogo. Trabalhei na Rádio Terra, em Montes Claros, cobrindo jogos da terceira divisão do Campeonato Brasileiro. Depois fui para a Itatiaia e ganhei uma chance para fazer a cobertura de esportes olímpicos, que foi uma chance dada pelo Osvaldo Faria. Perto disso eu comecei a cobrir o Minas Tennis Clube, que sempre foi o clube com o maior número de esportes olímpicos em Belo Horizonte. Me transformei em um repórter, acabei indo cobrir Olimpíadas, Jogos Pan Americanos. E aí passei para o futebol mesmo em 2003, já passei de repórter para comentarista. Acho que a grande diferença da 98 para as demais rádios é que é uma emissora do bem, como o próprio *slogan* já diz. Na rádio prevalece sempre o bom. Para mim está sendo outra grande escola também, o público é bem mais jovem, e estou tentando me adaptar à linguagem do futebol da rádio 98, levando informação com uma dose de humor.

8. Como é a rotina do seu trabalho na 98? Como você estuda os times para comentar as partidas e como você prepara os seus argumentos? Isso você faz no dia do jogo ou a preparação é demorada?

Como estou fazendo por enquanto somente um programa, a minha rotina na rádio é mais tranquila. Chego por volta das 18h para apresentar o programa às 20h, e saio por volta das 22h. Chego mais cedo porque ajudo a produzir o programa que vai ao ar, faço levantamento dos assuntos do dia, seleciono o que de mais importante ocorreu, o que vamos falar primeiro. Mas eu trabalho também na TV BH News, e lá eu faço parte de um programa na parte da manhã, então, os meus dias são bem corridos. Estou

adorando trabalhar na 98 e descobri que a rádio também é a minha casa. Para se preparar para comentar uma partida é necessário ver diversos jogos. Independentemente se determinada equipe irá entrar em campo ou não. Eu preciso acompanhar a maior quantidade de partidas que eu conseguir, porque aprendemos alguma coisa todos os dias. Estudo vendo os times jogar. A preparação é constante e diária, é justamente isso que é importante. Não tem como estudar sem ser dessa maneira. É importante que o comentarista já tenha o espírito de um jornalista. O que com certeza já tem.

9. Por que existem críticas que dizem que o comentarista fala obviedades? Elas procedem?

Sim. Muitos comentaristas acabam falando só o óbvio. Mas nesse meio é difícil, às vezes temos que falar o que está se passando ali. É normal. Vamos fazer o quê? Inventar? Não. Mas o importante é não ficarmos presos nas obviedades e comentar somente a partir disso. Temos que analisar o que está acontecendo sempre. O que está sendo mostrado. Não se pode comentar futebol hoje sem a compreensão do trabalho da equipe e dos subsídios que eles podem trazer à análise

10. Em sua opinião, qual o papel do comentarista na vitória e na derrota?

Acho que o papel principal é o comentarista ter que falar a verdade sempre. Muitas pessoas ficam desconfortáveis, por exemplo, de fazer uma crítica na vitória. O papel do comentarista é de passar a verdade para o ouvinte, sempre. E expor a sua opinião de maneira objetiva e simples. Não é porque o time venceu uma partida que é a melhor equipe do mundo, e vice-versa. Então, se a análise foge do que pensamos, o cidadão é mau comentarista. Se ele vê a mesma coisa que nós, só enxerga o óbvio.

11. As plataformas como redes sociais influenciam em seus comentários? Como você lida com o retorno dos ouvintes?

Eu tinha o meu Twitter, mas eu parei de usar por causa de alguns torcedores que não respeitam. A pessoa vir criticar de maneira educada é uma coisa, a gente respeita e até gosta. Agora, criticar com insultos e palavrões, isso eu não admito. Então, para me precaver, eu deixei de usar mesmo. Agora, no programa que eu faço na 98, a participação do ouvinte é constante. É bem legal porque podemos conversar com eles,

e eu gosto desse tipo de retorno do torcedor. Isso é que enobrece o nosso trabalho e nossa profissão.

12. Como é a sua relação com os jornalistas e os narradores?

Com alguns eu tenho boa relação. Outros eu não converso muito. É como a nossa vida mesmo. Temos os amigos, os colegas e aqueles que não conversamos. Faz parte.

13. E dentro da rádio, como é a sua liberdade de trabalho? Afinal, o comentarista expõe uma opinião pessoal ou editorial?

Tenho total liberdade na 98. Só não é permitido falar palavrão, falar mal de outra pessoa. De resto, podemos expor a nossa opinião sem problemas. Isso é bem legal da emissora, de nos deixar livres para comentarmos da forma que quisermos, e o que quisermos. Isso até motiva o profissional, que sabe que não vai ser barrado por qualquer coisa.